



CTAA
CENTRO DE TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS



1. INTRODUÇÃO



2. A RELAÇÃO HOMEM x ANIMAL E A TERAPIA ASSISTIDA



3. A ARQUITETURA COMO FERRAMENTA NO AUXÍLIO DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO – ARQUITETURA SENSORIAL



4. ESTUDOS DE CASO



5. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PROJETO



6. O PARTIDO ARQUITETÔNICO



7. CONSIDERAÇÕES TÉCNICAS



8. PERSPECTIVAS



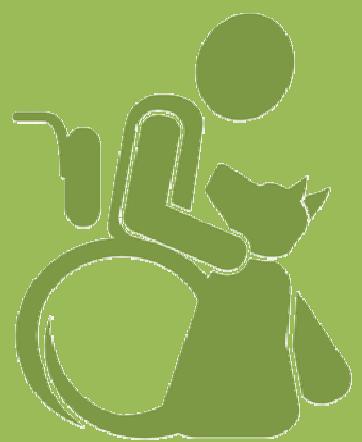
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS



10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



11. ANEXOS – DESENHOS TÉCNICOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

CENTRO DE TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS
PROJETO FINAL DE GRADUAÇÃO

LARA OLIVEIRA MOREIRA
ORIENTADOR: JOAQUIM ARISTIDES DE OLIVEIRA
FORTALEZA, JUNHO DE 2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Ceará

Centro de Tecnologia

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

MOREIRA, Lara Oliveira

Centro de Terapia Assistida por Animais. Lara Oliveira Moreira, Joaquim Aristides (Orient).

Fortaleza:DAU/CT-UFC, 2011.

85 fl (oitenta e cinco folhas). TFG, Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

1. Terapia assistida por animais; 2. Sensorialidade; 3. Ambiência.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MOREIRA, LARA OLIVEIRA (2011). *CENTRO DE TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS*. TFG, CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA-CE, 85 FL.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

BANCA EXAMINADORA
CONSTITUÍDA PELOS ARQUITETOS:

Arquiteto Prof. Joaquim Aristides de Oliveira (DAU/UFC) – Orientador

Arquiteto(a) DAU/UFC

Arquiteto(a) convidado(a)

Fortaleza, CE – BRASIL
Junho de 2011

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a graça da vida, e por sempre se mostrar presente nos menores e mais grandiosos gestos.

À minha família, principalmente minha mãe, meu pai e minha irmã, por terem estado sempre ao meu lado me apoiando, e me ajudando no que fosse possível para que eu pudesse ultrapassar com sucesso mais essa etapa da minha vida.

Aos meus amigos de faculdade, em especial Luana, Gérsica e Gabriel, por todos os momentos que passamos juntos, momentos de risos, choros, desespero, euforia, e tantos outros indescritíveis, e com eles, os muitos aprendizados adquiridos, que, com certeza, não se restringem apenas ao meio profissional, e que vou levar pelo resto da vida.

A todos os professores e funcionários do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, por todo o conhecimento transmitido durante essa intensa jornada de 6 anos de faculdade, e pela disponibilidade e prestatividade, que tornaram possível a minha formação profissional.

Ao professor e orientador Joaquim Aristides, pelo apoio, incentivo e ajuda na realização deste trabalho de conclusão de curso, que encerra a etapa da minha vida acadêmica e dá início à minha vida profissional.

RESUMO

O presente Trabalho de Final de Graduação traz a reflexão acerca da temática da Terapia Assistida por Animais, com fins de se propor um edifício que possa suprir às necessidades de infra-estrutura para a realização das atividades dessa tipologia de equipamento, que ainda são pouco conhecidas e difundidas no meio atual. Para tal, promove a discussão sobre a prática da terapia assistida por animais, e prossegue com a análise e o estudo da arquitetura sensorial como meio de auxílio para o alcance dos objetivos esperados através dessa prática, através da inserção de estímulos no próprio contexto edificado que provoquem o aguçamento da sensorialidade do paciente em tratamento e usuário do espaço. Disso se resulta um complexo com um conceito totalmente novo, onde se agregam várias tipologias de terapia assistida por animais, em um espaço especialmente projetado para essa finalidade, que tem como premissa projetual a multisensorialidade.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Terapia assistida por animais; 2. Sensorialidade; 3. Ambiência.

SUMÁRIO

01. INTRODUÇÃO

- 1.1 Apresentação, 10
- 1.2 Justificativa ao tema, 11
- 1.3 Metodologia de desenvolvimento do trabalho, 12

02. A RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL E A TERAPIA ASSISTIDA

- 2.1 O homem e o animal ao longo da história, 16
- 2.2 O uso do animal como auxílio nas tarefas do homem, 17
- 2.3 A utilização dos animais no tratamento de pessoas, 18
- 2.4 A terapia assistida por animais, 19
- 2.5 A regulamentação da TAA perante os órgãos de saúde, 25
- 2.6 Os benefícios da TAA, 25
- 2.7 A TAA e a pessoa com deficiência, 26
- 2.8 A TAA e o idoso, 26
- 2.9 A TAA e a criança, 27

03. A ARQUITETURA COMO FERRAMENTA NO AUXÍLIO DO DESENVOLVIMENTO

COGNITIVO – ARQUITETURA SENSORIAL

- 3.1 A arquitetura sensorial como fator cognitivo, 29
- 3.2 Mimesis e (eco)arquitetura, 30
- 3.3 Sob um olhar vernacular, 31
- 3.4 *Como saber ver a arquitetura*, 33

04. ESTUDOS DE CASO

- 4.1 Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais (Portugal), 36
- 4.2 Escola de Equitação Christus (Fortaleza, Ceará), 37
- 4.3 Jardim Multisensorial da Universidade de Portsmouth (Inglaterra), 38

05. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PROJETO

- 5.1 Conceituação do projeto, 41
- 5.2 Premissas projetuais, 41
- 5.3 Demanda e localização do equipamento, 42
- 5.4 Programa de necessidades, 42
- 5.5 Quadro de funcionários, 45
- 5.6 Fluxograma, 46
- 5.7 Sobre o funcionamento do centro, 47
- 5.8 Escolha do terreno, 48
- 5.9 Entorno edificado, 50
- 5.10 A questão urbanística e sua legislação, 51

06. O PARTIDO ARQUITETÔNICO

- 6.1 Implantação, 54
- 6.2 Acessos, 57
- 6.3 Entrada, saguão e recepção, 57
- 6.4 Setor de apoio ao usuário, 58
- 6.5 Bloco multidisciplinar, 59
- 6.6 Setor de apoio ao funcionário, 60
- 6.7 Circulações, 60
- 6.8 Bloco de abrigo e cuidado aos animais, 61
- 6.9 Conforto térmico e iluminação, 62
- 6.10 Acessibilidade, 63

07. CONSIDERAÇÕES TÉCNICAS

- 7.1 Estrutura, 65
- 7.2 Cobertura, 66
- 7.3 Materiais, 66
- 7.4 Exaustão, 66
- 7.5 Caixa d'água, 67

08. PERSPECTIVAS, 68

09. CONSIDERAÇÕES FINAIS, 81

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 83

11. ANEXOS – DESENHOS TÉCNICOS, 86

CAPA ITEM 01

1.1 Apresentação

O presente trabalho surgiu a partir da junção de duas temáticas que possuem representações sensitivas opostas: a primeira, com conotação leve e alegre, diz respeito à importância do animal na vida do ser humano como fator benéfico para quem disso usufrui; e a segunda, com caráter mais denso, trata da questão da situação alarmante de como a saúde mental das pessoas está cada vez mais sensível aos fatores externos - sejam elas crianças, adultos, ou idosos - e como até mesmo as pessoas que já tem, por natureza, problema de fundo psico-social, muitas vezes não encontram tratamentos que gerem resultados satisfatórios para seus problemas.

Desse modo, esse trabalho traz uma reflexão acerca dessas temáticas - os benefícios da interação do homem com o animal, e o tratamento da saúde mental humana - e gera, como produto disso, um projeto que objetiva uni-las, de modo a trazer uma nova proposta, dentro de uma visão arquitetônica, de um lugar especialmente projetado, capaz de tomar partido das características de ambas, juntamente com os fatores relacionados ao pensar arquitetônico como ferramenta de melhoria social, para tornar possível a criação de uma nova alternativa para melhoria das relações sociais humanas – um Centro de Terapia Assistida por Animais.

Esse centro parte do princípio de um equipamento para dar suporte ao tratamento de pessoas, com foco na interação destas com os animais, trazendo assim uma nova alternativa de tratamento em relação aos tradicionais, sempre objetivando a busca de meios que possam dar

resultados mais positivos aos seus usuários, ou mesmo como alternativa para aqueles que não se identificaram com os métodos tradicionais.

Para tal, é de fundamental importância o estudo das relações afetivas entre o homem e os animais, e suas consequências, principalmente, para a saúde emocional das pessoas, assim como é impreterável que este espaço arquitetônico atenda criteriosamente às necessidades de uso, tanto das pessoas em tratamento, quanto dos animais que estão neste espaço auxiliando na realização das atividades, mas, principalmente, de ambos, quando estes estão trabalhando juntos.

Essa proposta de equipamento se utiliza de animais como cães, gatos e cavalos, como agentes facilitadores no processo do tratamento terapêutico dentro de um mesmo contexto espacial. Por isso, é uma proposição inédita dentro da realidade de Fortaleza e, portanto, se propõe a ser um lugar ao mesmo tempo agregador e dissipador de experiências relativas ao seu conceito, e também modelo arquitetônico para os futuros novos equipamentos que tratem dessa mesma questão aqui abordada.

1.2 Justificativa ao tema

A idéia de um Centro de Terapia Assistida por Animais surgiu da observação e constatação, dentro do nosso próprio meio cotidiano, da influência e importância que os animais que convivem conosco no dia-a-dia - a exemplo dos domésticos - têm na nossa saúde emocional, os quais muitas vezes são válvulas de escape para estresses de trabalho, refúgios para a solidão, ou simples - mas não menos importantes - companhias domésticas.

Assim sendo, procurou-se ampliar essa relação de companheirismo entre homem e animal, através de um direcionamento para o campo da saúde propriamente dita, passando então esta relação a ser tratada como fonte de auxílio no tratamento de patologias físicas e mentais, esta última passando a ganhar cada vez mais destaque dentro da área de saúde na atualidade, dada não só a natureza fisiológica do problema, mas principalmente pelo contexto social em que vivemos, onde a depressão, a solidão e outros fatores são responsáveis por problemas de fundo emocional.

A abordagem da terapia assistida por animais dentro de um centro com fins específicos para tal prática é um assunto ainda não trabalhado. O que se vê atualmente são as várias modalidades de terapias com animais sendo realizadas separadamente. A proposta desse trabalho leva em consideração que a junção das várias modalidades em um só lugar tem grande potencial para a criação de um centro de excelência nessa prática, além de proporcionar ao seu usuário uma maior vivência e exploração da

potencialidade desse tipo de tratamento, não só através da própria realização deste – já que não necessariamente um paciente faz mais de uma modalidade de terapia assistida -, mas também pela sua vivência e contato através da vivência e contato do próximo, o que acaba por promover a interação entre os próprios pacientes, a troca de experiências e uma sociabilização e ajuda mútua dos que vivem ou participam de uma mesma realidade.

Assim, foi considerada pertinente a proposição de um equipamento voltado para esse fim, oferecendo, assim, novas possibilidades para a solução de questões em yoga, principalmente quando estas estão tão em evidência na atualidade. Mas a intenção desse projeto não é simplesmente criar um espaço onde essas atividades sejam realizadas, mas sim um lugar, com caráter especial, dotado de significado para os que o freqüentam, que possa alcançar esses objetivos acima de tudo através da prática da boa arquitetura, que é uma ferramenta primordial para a transformação de um *espaço* em um *lugar*.

1.3 Metodologia de desenvolvimento do trabalho

1.3.1 Escolha do tema

A presença dos animais no dia-a-dia das pessoas é uma constante. Muitas delas têm seus pets como verdadeiros membros da família e dedicam amor incondicional a eles, e acabam não percebendo que essa relação de amor e cuidado para com os animais não é só em um sentido, mas proporciona benefícios ao próprio dono, pois o pet corresponde, de forma incondicional, ao carinho dado pelo seu cuidador.

Assim, surgiu a idéia de se projetar um centro especializado no suporte psico-social de pessoas através do auxílio do animal, abrangendo também a pessoa com deficiência, pelo fato do animal ser uma ponte de grande valia entre o “mundo social” das pessoas e o “mundo pessoal” do indivíduo com deficiência.

1.3.2 Pesquisas bibliográficas sobre a temática abordada

Para uma melhor compreensão da temática envolvida na proposta, primeiramente foi feita uma pesquisa a respeito da temática abordada no projeto, com foco na relação homem x animal, procurando evidenciar os benefícios que essa relação proporciona dentro de cada caso – a criança, o adulto, o idoso, e a pessoa com deficiência. Como aporte para a realização deste projeto, também foi feita uma pesquisa acerca dos recursos disponíveis dentro do campo da arquitetura que pudessem facilitar a questão do tratamento terapêutico – chegando-se à arquitetura sensorial, analisando como ela poderia auxiliar nesse processo

terapêutico e as consequências disso para as pessoas. Dentro dessas análises, foi procurado se levar em consideração quais as modalidades de terapia que envolvem pessoas e animais, os requisitos para que estas ocorram, o tipo de infra-estrutura necessário, o corpo profissional envolvido durante os trabalhos, dentre outras questões pertinentes.

Esses estudos deram continuidade juntamente com o desenvolvimento do trabalho, tendo havido sempre um processo de retro-alimentação do embasamento teórico com o seu rebatimento no projeto arquitetônico.

1.3.3 Visitas de referenciais arquitetônicos já existentes

Foram feitas visitas técnicas a equipamentos considerados importantes para o desenvolvimento do projeto arquitetônico, por mais que estes não fossem diretamente ligados à temática da terapia assistida por animais, pois o principal objetivo destas era retirar o que havia de importante dentro de sua dinâmica e experiência concreta para acrescentar no projeto proposto.

Assim, os locais visitados foram o Centro de Equoterapia Paraíso (Fortaleza-CE) e o Centro de Equoterapia da Cavalaria da Polícia Militar do Ceará (Fortaleza-CE) – nestes, obtiveram-se relevantes informações relativas à prática da terapia assistida por animais com foco no cavalo, tendo sido observadas questões como o contato do paciente com o animal, a infra-estrutura necessária para o atendimento de pessoas com

deficiência, dentre outros fatores de relevante interesse para o projeto -, e a Escola de Equitação Christus (Fortaleza-CE) – de onde se pôde ter uma importante apreensão da questão da infra-estrutura necessária para o cuidado e manejo desses animais de maior porte. Concomitantemente às visitas, foi-se conversado acerca do tema com os profissionais envolvidos – tratadores de animais, assistentes sociais, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e equitadores – na busca de informações mais aprofundadas sobre como se dá a realização desse tipo de atividade dentro de seus pontos de vista, procurando avaliar os pontos considerados positivos e evidenciar os negativos, de modo a serem trabalhados no desenvolvimento do projeto para que possam ser mais bem tratados.

1.3.4 Estudos de caso

Assim como nas visitas técnicas, os estudos de caso foram feitos baseados na procura de exemplares arquitetônicos que pudessem acrescentar algo ao desenvolvimento do projeto arquitetônico proposto, mas dessa vez foram ressaltados exemplos de projetos do exterior, por esses terem maior sensibilidade projetual dentro desse campo de atuação e por terem mais experiência nessa área.

Os casos estudos foram, portanto, a Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais (CERCICA), em Cascais-Portugal, por esta ter um programa de terapia assistida por animais; a Escola de Equitação Christus (Fortaleza-CE), por ela ter grande aporte estrutural para manejo de animais de grande porte, servindo assim como referência; e o Jardim Multisensorial da Universidade de Portsmouth, em

Portsmouth-Inglaterra, dada a utilização dos conceitos da arquitetura sensorial em seu projeto.

1.3.5 Programa de necessidades

De posse das informações consideradas relevantes para o desenvolvimento do projeto proposto, pôde-se chegar a um programa de necessidades, com o detalhamento de todos os espaços considerados importantes para o equipamento proposto, juntamente com a estipulação das áreas consideradas adequadas para a realização das atividades, o que resultou em uma área total a ser abrangida para a instalação do equipamento.

1.3.6 Fluxograma

A necessidade de se estabelecer os fluxos entre os vários setores envolvidos no projeto e seus diversos ambientes fez surgir o fluxograma, que estabelece as conexões entre esses setores. A partir disso, foram evidenciados os fluxos considerados mais importantes, otimizando assim a dinâmica do espaço e a sua mobilidade.

1.3.7 Estudo de localização

Para a escolha do terreno ideal para a implantação do equipamento proposto, foram levadas em consideração várias condicionantes importantes dentro da conceituação do projeto, além da própria legislação urbanística municipal. O resultado da análise de ambos os fatores traçou o perfil geográfico considerado ideal para a implantação do projeto. Assim, com o terreno em vista, fez-se o seu levantamento

fotográfico e de seu entorno, para que se pudesse fazer uma análise mais aprofundada sobre a futura área de intervenção.

1.3.8 Partido arquitetônico

Já tendo definidos o local de implantação da edificação e as relações e fluxos existentes entre as atividades desenvolvidas no edifício, procurou-se estudar então a relação do programa deste com o ambiente que o circunda, levando-se em consideração fatores como topografia, ventilação, insolação, entorno construído, acessos, entre outros, para, assim, ser feita uma implantação preliminar da edificação no terreno.

1.3.9 Projeto de arquitetura

O desenvolvimento do projeto de arquitetura se deu após a determinação das diretrizes do partido arquitetônico, o que possibilitou uma maior clareza das idéias almejadas para compor o projeto. Assim, como conseguinte aos esboços e idéias iniciais, foram elaborados os desenhos técnicos e maquete volumétrica, que deram forma e palpabilidade à proposta.

1.3.10 Apresentação

Finalizadas todas as etapas anteriores, tanto as partes textuais quanto as de projeto foram compiladas de forma a explicar todo o processo de criação deste, resultando em um documento escrito, que serviu de base para a apresentação oral do trabalho, a qual sintetizou a

pesquisa e apresentou o projeto arquitetônico produto desta através de recursos de mídia visual.

CAPA ITEM 2

2.1 O homem e o animal ao longo da história

A relação do ser humano com o animal, hoje bastante consolidada, tem suas origens nas épocas remotas, ainda quando o homem vivia nas cavernas e possuía práticas nômades. Segundo Dotti (2005), esse contato começou a se dar entre 10 mil e 20 mil anos atrás. Apesar de não haver uma data precisa acerca de quando se deu o primeiro contato “amigável” entre o homem e o animal, estes certamente se cruzavam constantemente, quando se alternavam entre caça e caçador.

Para Fuchs (1987), provavelmente o primeiro animal a ter sido domesticado pelo homem foi o lobo, ancestral do cão, quando o homem percebeu que alguns filhotes eram mais mansos e suscetíveis a contato, ou quando algum destes perdia o contato com a matilha e procurava abrigo entre os humanos, passando estes a serem a sua nova família. Assim, passa a surgir uma relação de mutualismo, onde o animal auxilia o homem em suas tarefas, enquanto que este lhe dá comida e abrigo.

Segundo Chieppa (2002), a evolução da relação do homem x animal passa por três fases distintas: na primeira, o animal tem uma concepção arcaica, e o homem o assimila como uma entidade divina (daí a presença de deuses com cabeças de animais nas religiões mais antigas); na segunda, o animal passa a ter uma concepção econômico-funcional, e este passa a ser considerado útil, tanto como força de trabalho, como para produção de gêneros alimentícios e de utilidade humana; e na terceira, o animal ganha uma concepção ética, quando não mais é considerado um “corporivil”, e passa a ser um ser dotado de percepções de dor e de prazer.

Ao longo da história, “o progresso da humanidade e os próprios acontecimentos históricos que têm marcado o destino dos povos, têm freqüentemente uma determinante presença do animal” (CHIEPPA, 2002), desde as primeiras expressões de arte produzidas por humanos em pinturas nas cavernas, até mesmo nas grandes guerras, a exemplo do exército cartaginês - que usou elefantes contra o exército romano -, ou da grande cavalaria do exército napoleônico.

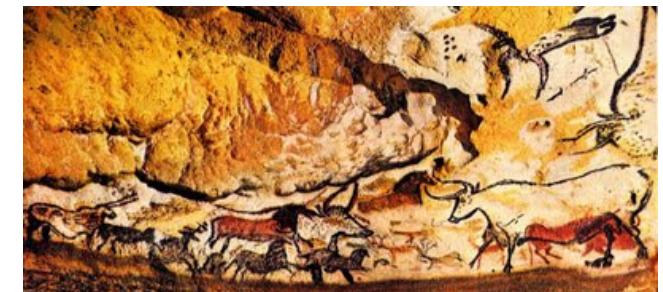


Figura 01 – Desenhos de animais nas cavernas.

Fonte:

<http://redordoumbigo.blogspot.com/2009/10/o-homem-das-cavernas.html>



Figura 02 – O homem e o lobo, ainda na pré-história. Fonte:

<http://www.uniritter.edu.br/biblioteca/blog/2010/01/vaidade-nas-cavernas/>

Durante a história, homem e o animal caminham juntos, trilhando caminhos, sempre procurando o auto-descobrimento e descobrimento um ao outro.

2.2 O uso do animal como auxílio nas tarefas do homem

Quando se pensa na relação homem x animal como vínculo de trabalho, o mais comum é se imaginar situações onde o animal serve como fonte de renda para o ser humano – como no caso dos animais produtores de laticínios e gêneros alimentícios -, ou quando o animal empresta suas capacidades físicas, que são mais aprimoradas que as do homem, para que o este tome proveito destas para a otimização dos resultados das tarefas a serem realizadas. Exemplos disso são a utilização do animal na agricultura – cavalos e bois que puxam máquinas para arar a terra -, na busca por alimentos – pássaros e cães treinados para a caça em ambientes de florestas -, como meio de transporte - uso de cavalos, camelos, elefantes, etc., em distâncias consideradas longas para o ser humano percorrer a pé –, como meio de busca para fins específicos – utilização de cães farejadores por buscas de drogas-, entre várias outras utilidades.

Entretanto, o conhecimento que se tem a respeito dos animais atualmente permite ao homem abranger e direcionar as formas de auxílio dos animais nas tarefas humanas para destinações e funções cada vez mais amplas. Hoje, os animais podem ser usados para pesquisas científicas e acadêmicas, como fonte de estudos comportamentais e éticos, além de estudos sobre saúde e psicologia, dentre vários outros exemplos.

Progressivamente, as tarefas normalmente realizadas pelo ser humano com o auxílio do animal deixam de ter caráter estritamente de trabalho e de uso de suas capacidades físicas aprimoradas, e passam a ter um caráter mais humano, no sentido relacional, onde estes ficam mais próximos e têm um maior contato direto entre si, estreitando seus laços e aumentando o conhecimento em sobre o outro.



Figura 03 – Bois ajudando o homem a arar a terra.

Fonte:

<http://www.simplesassim.net.br/2010/03/aprendendo-com-o-agricultor.html>



Figura 04 – Águia treinada para caçar. Fonte:

<http://www.estadao.com.br/noticias/vida,festival-celebra-arte-de-cacar-com-aguias,696009,0.htm>

Mais do que nunca, a relação homem x animal está em foco. Percebe-se uma evolução nesse relacionamento, que se iniciou como uma ajuda mútua, e agora caminha continuamente rumo a um vínculo mais forte e conciso, passando a envolver não só a questão do bem-estar fisiológico de ambas as partes, mas passando a existir um vínculo emocional relacionado.

Cada vez mais o animal é visto como um ser sensível, com percepção do mundo ao seu redor, e que interage com o seu meio. Chega enfim, a época em que o animal é visto como um ser distribuidor de benefícios psico-sociais (CHIEPPA, 2002).

2.3 A utilização dos animais no tratamento de pessoas

"No começo, a relação animal x humano era apenas por necessidade. Os cães vigiavam aldeias, ajudavam a caçar e pastorear; gatos eram bem-vindos por exterminar ratos e outras pragas; os pássaros alegravam as casas; os bovinos serviam como meio de locomoção e os demais animais eram para consumo alimentar ou contribuíam para a produção de outros alimentos. Mas com o tempo alguns bichos começaram a ser domesticados, e hoje, alguns deles, já são até considerados membros da família." (FERRARI, 2010)

Com a aproximação do homem e do animal ao longo dos tempos - e o consequente crescimento do vínculo entre eles a partir da chegada dos bichos às casas e da participação destes no dia-a-dia de seus donos -, surgiu a percepção da importância do animal não só como um ser passível de ajuda nas tarefas, mas também como um ser que pudesse fazer companhia, participar das vivências do cotidiano, dar atenção, proporcionar carinho. O animal, então, entra de vez na vida das pessoas e passa a dar um novo sentido a elas de uma maneira jamais antes vista. Agora são seres humanizados – às vezes quase humanos-, que possuem personalidade, vontades próprias, se expressam, e muitas vezes são a própria razão de viver de muitas pessoas.

É a partir dessa forte ligação estabelecida entre o homem e o animal, que estudos passaram a ser realizados na busca de um direcionamento desse vínculo na tentativa de promover, através disso, uma otimização na qualidade de vida das pessoas, podendo isso não ser só restrito às pessoas donas dos animais em questão, mas também pessoas que simplesmente gostem da companhia destes e que procurem estar na sua presença.

Foi, então, através dessa filosofia, que surgiu, oficialmente, já nas últimas décadas, a prática da utilização de animais para fins terapêuticos, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas que se relacionam com estes, e abrindo um leque de novas oportunidades de tratamento para males de cunho físico e psíquico.

Assim, nesse novo tipo de terapia, o animal é utilizado como colaborador no processo terapêutico, pois:

“A relação homem-animal oferece a vantagem de ser isenta de confrontos, não competitiva, não verbal e, assim, totalmente isenta de mensagens contraditórias; relaxante e conciliadora” (CHIEPPA, 2002).

Completando o raciocínio, o autor afirma que:

“Qualquer relação entre humanos – familiar e amigável – impõe sempre um ter que confrontar com o conspécifico e, em tal sentido, sempre gera de uma parte, embora mesmo mínimo, estresse” (CHIEPPA, 2002).

Daí se tiram os resultados extremamente positivos desta parceria: os animais se doam e não esperam nada em troca, não falam e não julgam, ouvem e então passam a ser cúmplices de quem lhes fala. É essa expressão incondicional de amizade e disponibilidade que cativa o ser humano e o torna tão fascinado pelo animal.

2.4 A terapia assistida por animais (TAA)

2.4.1 Conceituação de TAA

Na década de 70, Fuchs (1987) já fundamentava cientificamente que a companhia de animais era benéfica para o ser humano. O aprofundamento das pesquisas dentro deste novo campo de atuação profissional, abrangendo pesquisas nas áreas de psicologia, medicina e medicina veterinária, fisioterapia, terapia ocupacional, pedagogia, fonoaudiologia, zootecnia, dentre várias outras áreas profissionais, fez

surgir um novo tipo de tratamento, que, após passar por várias nomenclaturas – Pet Terapia, Terapia com Animais, Zooterapia, Terapia Facilitada por Animais, entre outras -, foi convencionado ser chamado internacionalmente de Terapia Assistida por Animais (TAA), a fim de facilitar a comunicação entre as instituições. A TAA passou então a ter vários seguidores, e ser objeto de estudo de mais e mais pesquisas, além de possuir várias instituições de respaldo nacional e internacional, diretamente envolvidas nesse campo de atuação, dentre elas o Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais (INATAA - Brasil), Delta Society (EUA), Sociedade Para Estudos de Animais de Companhia (SCAS - Inglaterra), entre outros. Desse modo, a TAA é conceituada como: fonoaudiologia, zootecnia, dentre várias outras áreas profissionais, fez surgir um novo tipo de tratamento, que, após passar por várias nomenclaturas – Pet Terapia, Terapia com Animais, Zooterapia, Terapia Facilitada por Animais, entre outras -, foi convencionado ser chamado internacionalmente de Terapia Assistida por Animais (TAA), a fim de facilitar a comunicação entre as instituições. A TAA passou então a ter vários seguidores, e ser objeto de estudo de mais e mais pesquisas, além de possuir várias instituições de respaldo nacional e internacional, diretamente envolvidas nesse campo de atuação, dentre elas o Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais (INATAA - Brasil), Delta Society (EUA), Sociedade Para Estudos de Animais de Companhia (SCAS - Inglaterra), entre outros. Desse modo, a TAA é conceituada como:

“ [...] um método intervencivo e/ou terapêutico em que se utiliza o animal (cão, gato, pássaros...) como objeto de terapia. É orientada essencialmente por profissionais da área da saúde (psicólogos, terapeutas de animais, fisioterapeutas, veterinários,...) sendo que, o objetivo primordial da TAA consiste na promoção da melhoria de aspectos gerais como o social, cognitivo, motivacional e emocional da pessoa atendida.” (DOTTI, 2005)

É uma terapia multidisciplinar por ser necessária a avaliação concomitante do praticante da terapia (ou o paciente humano) e do animal que auxilia no processo terapêutico (também chamado de co-terapeuta). Desse modo, cada profissional atua, dentro de sua área, em cada caso específico, indicando os melhores procedimentos a serem realizados em cada situação, estabelecendo restrições e avaliando o tipo de animal mais indicado para cada caso.

2.4.2 A origem da TAA

Apesar de somente nas últimas décadas a TAA ter passado a ser respaldada e fundamentada, esta já é relatada em vários casos ao longo da história. Os registros mais antigos dessa prática datam do século IX, onde animais eram utilizados no tratamento de pessoas com deficiência na Bélgica, como terapia ocupacional. Outros registros indicam o uso de animais em asilos, na Inglaterra; na Alemanha, no século XIX, os animais participavam das atividades em um centro de epiléticos; nos Estados Unidos, já em 1944, um programa foi especialmente desenvolvido para a reabilitação de soldados, que utilizava diversos tipos de animais como cães, cavalos e animais de fazenda. Na década de 60, o estudo da relação de humanos e animais passou a avaliada com crianças, abrindo mais um campo de atuação para novos tratamentos. No Brasil, a pioneira na TAA foi a psiquiatra Nise da Silveira, que conduziu trabalhos com pacientes esquizofrênicos e animais na década de 50. Assim, diante dos progressos analisados e documentados a respeito da TAA ao longo dos tempos:



Fig. 05 – Logomarca do INATAA – Brasil. Fonte:
<http://www.inataa.org.br/>



Figura 06 – Sessão de terapia assistida por animais com pessoas com deficiência. Fonte:
<http://peloproximo.blogspot.com/2009/07/terapia-assistida-por-animal-taa.html>

“O que se tem observado é que animais como cães, gatos, peixes e pássaros são requisitados como novos co-terapeutas em hospitais franceses, canadenses, americanos e suíços, depois de ter sido constatado que eles são indispensáveis à melhora ou cura de portadores de várias doenças” (SILVEIRA, 1981).

O método inovador de terapia vem se desenvolvendo cada vez mais, passando a abranger não só a área da saúde (tratamento de pessoas com deficiência física e mental), mas também o campo da educação (crianças e pessoas com dificuldade de aprendizagem), e o campo social (pessoas com problemas comportamentais).

2.4.3 A diferença entre terapia assistida por animais (TAA) e atividade assistida por animais (AAA)

Além da Terapia Assistida por Animais (TAA), existe a Atividade Assistida por Animais (AAA). Apesar de as duas envolverem o animal como meio de intervenção em processos humanos, essas duas práticas possuem fundamentações diferentes e, portanto, devem ser devidamente diferenciadas.

Como já visto anteriormente, a TAA é um trabalho terapêutico que envolve uma equipe multidisciplinar, com objetivos de promoção de vários aspectos do paciente, entre eles a saúde física e mental, o social e o emocional. Para tal, deve ser sempre acompanhada por um profissional responsável pelo animal, além dos profissionais encarregados de dirigir os procedimentos relativos ao paciente. Este trabalho tem uma metodologia

de encaminhamento e é documentado, para posteriormente serem analisados seus progressos e verificadas as metas e objetivos cumpridos.

Já a Atividade Assistida por Animais (AAA) consiste em um conceito que “[...] envolve a visita, recreação e distração por meio do contato dos animais com pessoas.” (DOTTI, 2005). Por ter um caráter mais lúdico do que propriamente terapêutico e de tratamento, a prática desta atividade pode ser realizada por pessoas comuns, sem a necessidade de se ter uma formação profissional específica voltada para o apoio da atividade. A AAA não possui objetivos definidos como a TAA, e a presença dos animais, juntamente com seus condutores, se dá de uma forma espontânea e sem período de tempo pré-estabelecido. É o caso de pessoas que levam seus animais para visitas a instituições com a finalidade de melhorar a qualidade de vida das pessoas que estão passando por alguma dificuldade.

Tanto a Terapia Assistida por Animais (TAA) quanto a Atividade Assistida por Animais (AAA) são processos independentes, que se desenvolvem por si só. O diferencial é que a AAA é o primeiro passo para a condução da TAA.

2.4.4 Os tipos de TAA

A prática da TAA pode ser abrangida por uma variedade ampla de animais. Estes, desde que devidamente tratados, cuidados, e treinados, recebem então um credenciamento e passam a estar aptos a participarem do processo terapêutico. Esse treinamento se dá ao longo de seis meses a um ano, e avalia uma série de itens de suma importância

como o comportamento do animal, a sua relação com o dono e com pessoas desconhecidas, entre vários outros fatores. Todo esse trabalho visa também o bem-estar do próprio animal, pois sendo ele um ser vivo e dotado de sensibilidade, não deve ser tratado jamais como uma mera ferramenta de trabalho.

"O animal é mais um recurso terapêutico e é importantíssimo para a terapia. Contribui muito para a modificação de comportamento. Por tudo isso, devemos tratá-lo com profundo respeito." (DOTTI, 2005)

Nesse contexto, tanto animais domésticos - cães, gatos, passarinhos, coelhos, etc. -, como animais de fazenda – bois, cavalos, galinhas -, ou mesmo outros tipos de animais – macacos, golfinhos, orcas, peixes, tartarugas, anfíbios, etc. - podem auxiliar no processo terapêutico de pessoas em reabilitação, através de seu companheirismo e disponibilidade aos enfermos, promovendo a melhora do equilíbrio das emoções e ajudando no restabelecimento das funções do organismo (VICÁRIA, 2003).

Dentre os vários tipos de animais atuantes como co-terapeutas, os mais difundidos são o cavalo equoterapia, o cão (cinoterapia), e o gato (felinoterapia). Estes, por serem animais mais acessíveis e terem um maior intimamente com o ser humano, são amplamente utilizados nas TAA's.

2.4.4.1 Equoterapia

Segundo a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL), a equoterapia é caracterizada como “todas as práticas que utilizem o cavalo com técnicas de equitação e atividades eqüestres, objetivando a reabilitação e/ou educação de pessoas com deficiência ou com necessidades especiais.” (ANDE-BRASIL, 1999).



Fig.07 – Sessão de equoterapia. Fonte:
<http://clinicasosanimal.com.br/site/new.php?corpo=conteudo.php&tabela=tabram01&pg=1&cod=23>



Fig.08 – Sessão de equoterapia. Fonte:
http://www.equoterapia.com.br/o_que_e-objetivos.php

Sem uma nomenclatura internacional estabelecida, a terapia com auxílio de cavalos, no Brasil, é amplamente conhecida como equoterapia, por ter sido essa a nomenclatura escolhida pela instituição mais respeitada no assunto – a ANDE-BRASIL -, e na qual todas as outras procuram se filiar como forma de demonstrar comprometimento com o trabalho prestado.

A prática da equoterapia promove ações nas áreas de saúde, educação e socialização, com enfoque na área de reabilitação física e mental, devido à dinâmica motora do cavalo ser bastante semelhante a do ser humano, o que faz com que a sua montaria estimule o desenvolvimento tanto motor quanto neurológico do praticante.

Assim como ou outros tipos de TAA, a equoterapia deve ser desenvolvida por uma equipe multidisciplinar, mas a sua composição mínima deve ser de um fisioterapeuta, um psicólogo e um profissional de equitação.

A equoterapia se divide em quatro programas básicos, que são: a hipoterapia, voltada essencialmente para a área da saúde e para pessoas com deficiência; a educação/reeducação, aplicada tanto na área da saúde quanto na de educação/reeducação; o programa pré-esportivo, com maior desenvolvimento da área de educação, mas ainda envolvendo a área da saúde; e a prática esportiva paraequestre, com cunho mais voltado para a inserção social (ANDE-BRASIL).

2.4.4.2 Cinoterapia

A Cinoterapia, ou Terapia Assistida por Cães (TAC), se utiliza do auxílio do cachorro como agente facilitado durante processo terapêutico.

“O cão, por ter características natas (tais como calma e tolerância), interagem oferecendo amor às pessoas que os cercam, não distinguindo os indivíduos em termos de raça, faixa etária, estética, condição sócio-econômica e outros. Os cães aceitam as pessoas como elas são e isso permite uma interação muito rica entre ambos.” (UYEHARA, 2007).



Fig.09 – Cinoterapia com pessoas com deficiência.

Fonte:

<http://terapianimali.blogspot.com/p/cinoterapia.html>



Fig.10 – Cinoterapia em hospitais. Fonte:

<http://terapianimali.blogspot.com/p/cinoterapia.html>

As práticas terapêuticas promovidas com o auxílio do cão permitem a pessoa trabalhar aspectos físicos, sociais, psicológicos, cognitivos, entre outros, além de sua presença amenizar, ou até mesmo anular, a sensação de tratamento, no qual o paciente está se submetendo, quando é preciso realizar alguns tipos de tarefas como alongamentos e exercícios, devido à presença do animal e até mesmo a realização da atividade juntamente com este.

O cão prende a atenção do paciente, e tem o poder de torná-lo mais cooperante durante as atividades desenvolvidas, gerando estímulos multisensoriais e mantendo uma atitude positiva das atividades.

A cinoterapia é bastante difundida em todos os tipos de tratamento: com crianças, com deficientes, e também com idosos. O cachorro tem um grande potencial de acolhimento, sendo poucos os casos de incompatibilidade entre o paciente e o animal, e portanto, sendo de grande eficiência na maioria dos casos.

2.4.4.3 Felinoterapia

Segundo Barros,

“A pessoa que tem contato com um gato pode tornar sua vida melhor e mais saudável pela simples observação. Eles nos ensinam a ter mais equilíbrio, pois são calmos e serenos até em seu jeito de andar. Ensoram a respeitar os limites alheios e a fazer com que nossos limites sejam respeitados, pois adoram liberdade, é um ser livre e independente, são autênticos e não aceitam ser ‘adestrados’. Nos ensoram a sermos corajosos, pois são exploradores e atentos. Assim como a sermos tolerantes, pacientes, dignos, e até a cuidar melhor do nosso físico, pois são extremamente limpos e elegantes naturalmente” (BARROS, 2008).

A Terapia Assistida por Gatos é mais utilizada com o público idoso, pois este, muitas vezes, encontra-se amargurado pela situação em que se encontra, está isolado ou foi abandonado pela



Fig.11 - Felinoterapia com pessoas com deficiência. Fonte:
<http://www.happycat.sk/felinoterapia.htm>



Fig.12 - Felinoterapia com idosos. Fonte:
<http://www.happycat.sk/felinoterapia.htm>

família, e sente-se desconfortável ou até mesmo não aceita a companhia de cachorros, que são alegres e expansivos por natureza. Assim, o jeito mais intimista e recatado do gato faz com que o idoso se enxergue nele, passando a ver semelhanças entre ambos, por onde daí começa o tratamento.

2.5 A regulamentação da TAA perante os órgãos de saúde

No Brasil, a única terapia assistida por animais que possui reconhecimento medicinal e é prescrita como forma de tratamento por médicos é a equoterapia, apesar de as outras já terem fundamentação e respaldo científico por estudos feitos no exterior. O que falta para esse reconhecimento ser feito aqui é justamente as pesquisas com enfoque nessa área.

O Conselho Federal de Medicina (CFM), em Sessão Plenária de 9 de abril de 1997, aprovou o Parecer 06/97, que diz:

“Somos, portanto, pelo reconhecimento da Equoterapia como método a ser incorporado ao arsenal de métodos e técnicas direcionados aos programas de reabilitação de pessoas com necessidades especiais.”

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), na resolução nº 348 de 27/03/2008 (D.O.U. 02/04/2008),

dispõe sobre o reconhecimento da EQUOTERAPIA como recurso terapêutico da Fisioterapia e da Terapia Ocupacional e dá outras providências.

Ademais isso, as outras terapias assistidas por animais ainda não são oficialmente reconhecidas por seus benefícios terapêuticos pelos conselhos federais da área de saúde, apesar de já ser bastante utilizada não só neste meio, como também no meio educacional e psico-social.

2.6 Os benefícios da TAA

“O animal é o agente facilitador para a terapia, ele pode ser considerado a ponte entre o tratamento proposto e o paciente. É nessa ponte que se dá o encontro entre os profissionais, colaboradores e pessoas. O animal é o instrumento mais valioso entre o mundo isolado da pessoa e o mundo social em que ela vive, é ele quem dá ressonância aos sentimentos e abre portas. É aquela parte de todos nós que ainda não está contaminada por conceitos imposições, é espontânea, e de algum modo transforma sentimentos” (DOTTI, 2005).

Estudos realizados comprovam vários benefícios adquiridos através da prática da Terapia Assistida por Animais (TAA) pelos seus praticantes. Dentre eles estão:

- Motivação positiva, que propicia a comunicação e consequente expressão das emoções;
- Aumento do interesse na participação das tarefas realizadas;
- Alívio de sentimentos de dor, medo, desespero, principalmente solidão e isolamento;
- Aumento do senso de responsabilidade;
- Estímulo da memória e da atenção;
- Ativação de processos químicos que liberam substâncias benéficas para a saúde física e mental do paciente, ajudando no melhor funcionamento do coração e dos pulmões; e diminuindo a liberação de substâncias maléficas ao organismo;
- Diminuição do estresse, da freqüência cardíaca, da pressão arterial e até do colesterol.

Os estímulos sensoriais e psicológicos promovidos pelo contato animal x paciente promovem uma verdadeira transformação neste, desencadeando processos até hoje estudados pela ciência.

A TAA pode abranger vários campos, que vão desde a terapia de reabilitação, à prevenção de doenças psico-sociais (como a depressão), e à simples formação e educação de crianças em processo de desenvolvimento cognitivo (CHIEPPA, 2002).

2.7 A TAA e a pessoa com deficiência

Dentro do cenário da TAA, na abordagem da saúde física e mental voltada à pessoa com deficiência, a terapia assistida por animais pode

auxiliar no tratamento de vários tipos de patologias, dentre elas o autismo e a Síndrome de Down, além de tratar com pessoas com deficiência mental, pessoas hiperativas, pessoas agressivas, pacientes com Alzheimer, e pessoas com deficiência física.

Nesse trabalho, os animais se tornam facilitadores de acesso para o mundo particular de cada paciente, tornando-se o elo entre o mundo interior e o mundo exterior. Simultaneamente, são feitos trabalhos onde o animal ajuda a desenvolver os aspectos de coordenação motora, juntamente com trabalhos nas áreas de desenvolvimento social, psíquico e cognitivo. As atividades também focam o desenvolvimento da atenção, melhoria da memória e estímulo sensorial.

2.8 A TAA e o idoso

O papel do animal na terapia com idosos é fundamental principalmente no aspecto social, onde o contato do animal com o idoso faz com que este reactive a memória e traga à tona lembranças da vida, estabeleça vínculos de carinho com o bicho, além de fazê-lo sentir-se útil e indispensável para alguém, a partir do momento em que ele percebe que, sendo o animal dotado de inteligência inferior ao do ser humano, torna-se dependente deste para a sua sobrevivência. O idoso que pratica a terapia assistida por animais normalmente possui algum tipo de problema emocional, seja ele carência afetiva, solidão, isolamento, ou depressão. O animal, assim, resgata o idoso dessa situação através da sua própria natureza de se doar, tornando o paciente mais acessível à intervenção terapêutica humana.

“Existem muitos relatos de pessoas que não pronunciavam uma palavra sequer durante uma sessão inteira de psicoterapia e logo após a introdução de um cão na sala, ou outro animal, começaram a travar uma conversa isolada com o animal, e depois aceitaram a participação do profissional” (DOTTI, 2005).

2.9 A TAA e a criança

A terapia assistida por animais é bastante eficiente em sua atuação também dentro do campo da educação, principalmente no que diz respeito ao trabalho das potencialidades das crianças, que ainda estão em fase de desenvolvimento tanto físico quanto psicológico.

A utilização de animais no trabalho com crianças gera resultados surpreendentes se comparados a outras técnicas, levando-se em consideração a metodologia adotada e o tempo despendido para a obtenção dos resultados almejados.

A presença de animais nas salas de aula melhora a atenção da criança, reduz o desvio e abandono escolar, aumenta a vontade de aprender e incentiva a integração e o contato social com outras pessoas. Fora da esfera escolar de atuação, a criança aprende com o animal noções de responsabilidade e compromisso, passa a ter sua auto-estima mais elevada, além de estimular o exercício físico, essencial também para a saúde do próprio animal.

“Pesquisas demonstram que crianças que têm um bichinho por companhia desenvolvem mais rapidamente suas habilidades cognitivas e sócio-emocionais: as mascotes incentivam a comunicação e a responsabilidade dos filhotes humanos e facilitam sua convivência com os demais membros de seu grupo.” (VENTUROLI, 2004)

Pode-se assim dizer que o animal é de suma importância durante o processo de desenvolvimento sócio-educativo de uma criança, atuando como um catalisador dos processos necessários de serem vivenciados por esta.

CAPA ITEM 3

Em uma esfera onde as pessoas possuem restrições para a realização de determinados tipos de atividades – sejam por fatores físicos, psicológicos, mentais ou cognitivos -, o estímulo se torna uma ferramenta valiosa como forma de auxílio na tentativa de gerar avanços para melhorar a qualidade de vida destas pessoas. Assim, toda e qualquer forma de estímulo é válida para a prática e evolução de suas capacidades. A arquitetura, como elemento constantemente presente no cotidiano das pessoas, não deixa de ser uma ferramenta em potencial para esse fim. Dela também se pode tomar partido para o estímulo da evolução na qualidade de vida dessas pessoas. Assim, a aplicação dessa nova ferramenta abre novas possibilidades que venham a acrescentar, ao já existente, novos meios de se alcançar resultados para determinadas situações antes só observadas sob um único ponto de vista.

3.1 Arquitetura sensorial como fator cognitivo

A arquitetura com enfoque multisensorial é uma ferramenta valiosa quando aplicada de modo a facilitar um processo relativo a um trabalho de desenvolvimento cognitivo, ou de qualquer outra área que englobe a questão do estímulo sensorial como ferramenta de suporte para expressão de sentimentos, pareceres, emoções, memórias, pensamentos, etc. Os estímulos recebidos pelos cinco sentidos – visão, audição, olfato, tato e paladar – são chaves que abrem as portas para as recordações, sensações, sentimentos, enfim, abrem um leque de opções que só quem está interagindo com o ambiente pode descrever.

Um ambiente projetado com fins de promover a interação entre o edifício e o usuário - visando não só a questão visual comumente focada na arquitetura, mas a totalidade do potencial de expressão sensorial de uma obra - proporciona a vivência plena da totalidade do edifício, estabelecendo uma conexão homem-edifício, que acaba por transformar o espaço em lugar, dando significado a este, de modo a se estabelecer uma relação afetiva entre o ambiente e a



Fig. 13 – Hotel Tambaú (João Pessoa, PB). Na maré cheia, as águas do mar batem na base de sua porção leste, o que propicia ao hóspede desta ala, a sensação de estar dentro do mar. Fonte: http://www.flickr.com/photos/millahatamura/pag_e6/

pessoa que vivencia a experiência sensorial. As características recebidas e sentidas daquele lugar pelo indivíduo tornam-se únicas ao seu parecer, ficando para sempre guardadas em sua memória, promovendo links do presente com o passado através de percepções de sensações novas com já sentidas, e novas com experiências ainda não vivenciadas, mas que poderão trazer à lembrança esse novo lugar agora guardado na memória.

É fato que a prática da arquitetura sensorial não deveria ser uma questão de opção dentro de um planejamento de projeto arquitetônico, mas sim uma premissa básica projetual, visto que o ambiente construído, hoje, é, simplesmente, a quase totalidade de nossa vivência cotidiana, uma vez que a própria sociedade se adaptou a viver dentro de espaços herméticos climatizados artificialmente e isolados do ambiente externo, substituindo o meio ambiente natural – fonte inesgotável de estímulos sensoriais de alta qualidade – pelo ambiente construído do ser humano, também produtor de estímulos, mas sem a mesma qualidade e diversidade dos originários da natureza, e ainda muitas vezes prejudiciais à própria saúde humana.

"Para aqueles que acreditam que a arquitetura é somente feita de materiais construtivos, deve-se incorporar a idéia de que o espaço também se afeta pela percepção que se tem do mesmo. A partir disso, passam a ter importância os fatores que atingem todos os sentidos humanos e igualmente nossas funções vitais, como respirar, comer ou dormir. Uma arquitetura que aconteça de modo pluridimensional é a que mais se aproxima do nosso futuro. De forma multissensorial, precisamos voltar a sentir a beleza nos espaços em que vivemos" (CASTELNOU, 2003).

3.2 Mimesis e (eco)arquitetura

A mimesis na arquitetura é uma prática milenar, que tem suas origens ainda na história antiga, quando os primeiros modelos de habitação – e, por conseguinte, primeiras formas de arquitetura – eram construídas pelos homens como abrigo para proteção contra fatores naturais



Fig. 14 – Espaço Cultural da Paraíba. Os longos espelhos d’água fazem a separação entre o interior e o exterior do edifício, e 5 grandes tubos que se encerram a 3 metros de altura do chão conduzem as águas da coberta para estes canais, promovendo um efeito de cascata em dias de chuva. Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/248>

que lhe causassem “incômodo” ou mesmo impedissem a sua sobrevivência dentro do contexto no qual estes estavam inseridos.

Apesar de ser uma estrutura voltada para o abrigo contra a natureza selvagem que o rodeava, era na própria natureza que o homem buscava inspiração para construir as primeiras formas de arquitetura da humanidade. Os modelos eram as cavernas dos ursos, as tocas dos coelhos, os ninhos de passarinhos, enfim, toda e qualquer expressão de sucesso na imponência de um ser vivo perante o seu meio externo, que garantisse suas necessidades básicas de conforto e lhe permitisse a sobrevivência.

Mesmo com a evolução da humanidade e dos processos tecnológicos, pode-se perceber que ainda hoje há a prática da mimesis no contexto da arquitetura. Na prática projetual, elementos como proporção, processos de captação de luz e cor, referências de escala, percepções de dinâmica e movimento no espaço, tudo isso é amplamente estudado pela arquitetura atual (GOUVEIA; HARRIS; KOWALTOWSKI, 2001). São constatações retiradas da observação da dinâmica da natureza, que posteriormente são rebatidas nos projetos, os quais representam nada mais que analogias aos complexos sistemas naturais encontrados no meio ambiente, com o diferencial de agora serem altamente envolvidos por tecnologias que simulam esses mesmos efeitos obtidos naturalmente no meio ambiente através de sistemas artificiais. É a natureza artificial do ser humano, onde ele ajusta através das máquinas a melhor forma considerada por ele para se viver.

Em contraponto ao avanço acelerado da evolução das técnicas projetuais e de construção, surge a ecoarquitetura, que enfatiza o contato do homem com a natureza e suas origens, como tentativa de frear o processo massificado de “embolhamento” ao qual a sociedade está envolta através dos ambientes construídos que excluem o contato com seu meio externo. É através do uso de técnicas simples e com utilização de recursos oferecidos pelo meio ao qual se estabelece a situação, que a ecoarquitetura promove a valorização da ligação do homem com a natureza, invocando a exploração dos sentidos e relacionando o espaço ao seu redor com o ambiente construído no qual este está inserido. A partir daí surge o desafio de criar espaços inter-relacionados, procurando estabelecer um equilíbrio sustentável entre estes, sem onerar na qualidade de vida oferecida pelos benefícios que o meio natural ao qual está inserido o ambiente construído oferece ao homem.

3.3 Sob um olhar vernacular

Os materiais utilizados são os disponíveis no próprio meio; as técnicas construtivas são modificadas várias e várias vezes até que se obtenha sucesso na empreitada. Surge daí a arquitetura vernacular. Inicialmente arcaica, com apreensões espaciais tomadas de impressões subjetivas do ambiente, ela evolui em um lento processo de tentativa e erro, mas quando chega a uma técnica trabalhada, expressa com eficiência um modo ideal de se projetar para determinado contexto,

levando-se em consideração fatores como clima, energia, e condições naturais (CASTELNOU, 2003).

A arquitetura vernacular não é só um modo de fazer arquitetura, muitas vezes considerada como aquela desprovida de conhecimento técnico. É também uma arquitetura que vai de encontro a um processo crescente de supervalorização das técnicas formais, que cada vez mais ignoram os próprios recursos naturais oferecidos pelo meio em que se está inserido, em detrimento de tecnologias que promovem as mesmas sensações de conforto oferecidas pelos recursos naturais. A arquitetura vernacular vai de encontro a um ciclo de supervalorização do conforto artificial, que passou a transformar os espaços construídos em verdadeiras ilhas isolantes do homem em relação ao seu meio ambiente, passando este a ser visto como meio selvagem, não-civilizado, rural, entre várias outras denominações indicativas da não presença dos processos de intervenção humana no meio.

O fazer vernáculo permite uma experiência multisensorial e multidimensional da arquitetura, fazendo-se entender que o espaço arquitetônico não é tão somente composto por componentes tecnológicos e utilitários, mas também, e, principalmente, composto de valores sentimentais e intuitivos – fato esquecido ultimamente –, que trazem a sensação de pertencimento ao local no qual se está presente.

Portanto, o que se espera é que haja uma reflexão, durante o processo de projeto, acerca dos valores subjetivos presentes em um espaço, sem que, com isso, deixe de haver a intervenção tecnológica e formal. Na verdade, o ideal é que eles trabalhem juntos, promovendo assim, a excelência do trabalho realizado, e criando espaços que sejam agradáveis ao bem-estar e de acordo com os recursos disponíveis (CASTELNOU, 2003).



Fig. 15 – Kasbahs: Casas no Morrocos. Sua arquitetura bem adaptada ao clima impede a entrada do calor durante o dia e do frio durante a noite. Fonte:

<http://eficienciaenergtica.blogspot.com/2010/05/arquitetura-vernacular-vii.html>



Fig. 16 – Ocas indígenas. Grande durabilidade e boa regulação da temperatura no interior da edificação, apesar de seu caráter fechado. Fonte:

<http://www.sempretops.com/fotos-apenas/oca-indigena-fotos/>

3.4 Como saber ver a arquitetura

“Com o modernismo arquitetônico, enfatizaram-se as componentes funcionais e técnicas dos espaços em detrimento das íntimas e subjetivas. Muitas lições foram esquecidas pelos construtores contemporâneos, o que acabou resultando no empobrecimento de nossas capacidades sensoriais” (CASTELNOU, 2003).

O homem recebe continuamente estímulos do ambiente ao seu redor, e é através dessa interação, e das suas reações para com estes fatores externos, que o homem desenvolve a sua personalidade e sua percepção do mundo.

Como produto da ação humana e solução para a problematização da relação do homem com o meio externo surge a arquitetura, que logo se torna um grande meio fornecedor de estímulos multisensoriais, por ser habitat e espaço de realização das atividades humanas.

Hoje o homem está rodeado por arquitetura. O principal estímulo sensorial originado dela é o visual, mas esta também é responsável por outros estímulos como o sonoro, o olfativo, e também o tátil.

A grande importância dada pela arquitetura à aparência e formalismo de suas obras se dá principalmente pelo fato de que o sentido da visão é considerado pelo ser humano como o mais importante e o maior receptor de estímulos vindos do meio externo, ficando aos demais sentidos a função de complementar as percepções geradas pela visão (EMERY e RHEINGANTZ, 1995).

Segundo Zevi (apud CASTELNOU, 2003), há quatro maneiras de ver a arquitetura: sob uma interpretação conteudista – que faz uma relação da arquitetura com o contexto no qual está inserida -, sob uma interpretação formalista – abrangendo aspectos como contraste, unidade, simetria, escala, proporção, etc -, sob uma interpretação fisiopsicológica – com foco nas questões simbólicas -, e sob uma interpretação espacial – considerada por ele como a mais importante, por ser a única que envolve uma vivência do ser com o ambiente projetado, fazendo fluir impressões, sensações, sentimentos, expectativas, além da própria realidade em si do espaço, que inclui volumes, formas, luzes, cores, etc.

Assim, dentro do aspecto espacial, podem-se relacionar todos os sentidos com a compreensão espacial de um lugar.

“Todos os sentidos participam da compreensão espacial. Através da visão, o sentido dominante dos seres humanos, percebe-se distâncias, tamanhos, formas, texturas, luzes e cores. Estas últimas, por sua vez, afetam nossos sentidos, o sistema psicofisiológico e a sexualidade, provocando tanto agressividade como relaxamento. A audição seria um sentido transitório, muito mais fluido e passivo que a visão, mas que também nos ajuda a compreender os espaços, pois é possível sentir os ecos e outros efeitos acústicos mais sutis. O espaço acústico não se situa: é esférico e sem limites. Já o olfato é um sentido imediato emotivo e primitivo capaz de evocar épocas e situações do passado” (CASTELNOU, 2003).

Além dos cinco sentidos, há também o sentido cinestésico, que torna capaz a percepção da escala, da altura e da amplidão do espaço através dos nervos sensoriais que indicam a posição e o movimento do corpo em relação a um espaço (BONTA, 1979 apud CASTELNOU, 2003).

A percepção de um espaço construído também é influenciada por agentes externos que, juntamente com a composição arquitetônica em si e suas variáveis integradas no conjunto – como na utilização de elementos ritmados como brises, pergolados, janelas em fachadas, etc. -, podem provocar diferentes impressões a cada nova visita ao espaço. Exemplo disso é a luz, que a cada momento do dia causa uma nova impressão no espaço, gerando jogos de luz e sombra e deixando mostrar ou ocultando detalhes somente vistos ou apreendidos em determinado momento do dia.

Outra forma de interferência do meio externo sobre a obra arquitetônica, de maneira a interagir com esta, promovendo novas sensações, é a relação dos materiais utilizados em sua composição com os agentes da natureza: utilização de materiais que valorizem os sons da chuva e do vento, realce do barulho das passadas em diferentes materiais e ambientes, destaque para as vozes ecoadas, etc (EMERY e RHEINGANTZ, 1995). Dessa forma,

“O ambiente arquitetônico afeta o comportamento humano, podendo provocar monotonia, fadiga, dor de cabeça, irritabilidade e até hostilidade, assim como favorecer a sensação de ânimo, vivacidade, alegria e relaxamento” (CASTELNOU, 2003).

CAPA ITEM 4

Após a pesquisa de embasamento teórico realizada sobre as temáticas da Terapia Assistida por Animais e da Arquitetura Sensorial – temas estes considerados de suma relevância para a proposição das diretrizes projetuais do Centro de Terapia Assistida por Animais, visto que ambos trabalham com a questão do desenvolvimento das aptidões físico-psicológicas do ser humano -, inicialmente buscou-se referências de projetos de espaços que unissem, em um só contexto, ambos os temas. Tal foi a surpresa ao se constatar que esses temas – em tese, intimamente ligados dentro do contexto do tipo de projeto proposto, principalmente pela questão do público-alvo - não eram trabalhados em conjunto nos projetos já existentes dessa tipologia.

Desse modo, a busca por projetos que servissem como parâmetro e que possuíssem as características pretendidas para serem adotadas no projeto do Centro de Terapia Assistida por Animais não restringiu sua pesquisa de estudos de caso a uma única tipologia de projeto – um centro de terapia assistida por animais. A constatação da ausência de projetos que unissem essas temáticas fez surgir a necessidade de se procurar por experiências isoladas a respeito destas, procurando tirar suas essências, mas com o pensamento de que, quando unidas, podem gerar resultados com uma riqueza projetual talvez ainda não explorada.

Assim, os exemplos de casos aqui apresentados tratam de experiências sobre edifícios que abrigam atividades de terapia assistida por animais e de projetos com foco na arquitetura sensorial – este último não necessariamente dizendo respeito a edificações em si, mas a intervenções sobre um contexto urbano, que tiveram um enfoque na sensorialidade de um espaço.

4.1 Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais – CERCICA (Cascais, Portugal)

A Cooperativa para Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Cascais é uma instituição voltada à educação de pessoas com deficiência, que não encontravam suporte nas instituições de ensino convencionais. Fundada em 1976, suas atividades hoje abrangem vários campos de atuação, como profissionalização, educação, e reabilitação, sempre voltados ao atendimento da pessoa com deficiência.

Em um dos núcleos da CERCICA, o Centro de Recursos - que desenvolve atividades voltadas para pessoas com deficiência mental acentuada -, existe a prática da Terapia Assistida por Animais (TAA). As sessões podem ser realizadas tanto em ambientes fechados como ao ar livre. Quando a sessão é ao ar livre, ela é realizada fora das instalações físicas do Centro de Recursos, em campos abertos, e quando são fechadas, há salas direcionadas para as sessões de terapia nas instalações físicas do centro. As salas de terapia, por sua vez, possuem aquários em suas paredes, que permitem a visualização das salas de fora para dentro, sem que o paciente se incomode. Os aquários são nada mais que outro meio de TAA, que transmite um efeito calmante em quem o observa.

Além das próprias instalações relativas às sessões de terapia propriamente ditas, no Centro de Recursos há outras instalações voltadas para outras atividades, todas relacionadas a formas alternativas de

terapia, como a cozinha, as estufas e as vinhas, e uma piscina, onde há a prática da hidroterapia.

As instalações físicas da CERCICA englobam várias modalidades de terapia, além da TAA, que segue em processo contínuo de expansão, procurando sempre melhorar a oferta de serviços prestados ao seu público-alvo.

Dentro desse contexto, o que chama a atenção nesse projeto é a preocupação na excelência do serviço oferecido, principalmente no que diz respeito à infra-estrutura, por mais que outras atividades de grande interesse de realização pela instituição ainda não tenham sido ainda implementadas em seu programa. O espaço físico total da instituição é bastante generoso, o que foi aproveitado com eficiência através de sua utilização pelas várias atividades desenvolvidas na cooperativa. Os espaços internos são pensados não só para o usuário, mas para todos os que se utilizam deles, e cada um deles é projetado pensando-se na atividade a ser ali realizada, potencializando assim os resultados obtidos no uso desses espaços.

Assim, percebe-se claramente a preocupação com o bem-estar do usuário e qualidade do serviço oferecido. A consequência disso são pessoas felizes e satisfeitas, em harmonia com o meio ao seu redor, transmitindo assim uma visão positiva em relação à vida e aos que a rodeiam.

4.2 Escola de Equitação Christus (Fortaleza-CE, Brasil)

Apesar de não possuir a mesma finalidade de um centro de terapia assistida por animais, a Escola de Equitação Christus engloba toda a infra-estrutura necessária para a adequação de um espaço físico que abrigue atividades que se utilizem do suporte do cavalo – mesmo caso da equoterapia, que é abordada no projeto - para sua realização. Portanto, seu estudo foi de fundamental importância na ajuda à elaboração do programa de necessidades do projeto, visto que foram analisados os espaços necessários para os animais – selaria, baias, locais para banho e cuidados médicos -, a estrutura de apoio – depósitos de ração e de materiais das aulas -, e até



Fig. 17 – Quinta da Marinha, espaço onde ocorrem atividades com cães na CERCICA. Fonte:
<http://terapias-animais.blogspot.com/>



Fig. 18 – Sala de terapia na CERCICA vista de fora por entre um aquário. Fonte:
<http://terapias-animais.blogspot.com/>

mesmo a parte administrativa e gerencial, relativa aos funcionários e usuários – secretaria, tesouraria, administração, estar dos usuários, lanchonete, banheiros públicos, etc.

Sua localização fica um tanto quanto afastada em relação aos principais eixos viários, estando mais próxima das periferias dos grandes aglomerados urbanos, também pela questão da necessidade de abranger grandes áreas devido ao seu tipo de uso, áreas estas que não podem ser adensadas com a verticalização do equipamento. Mas pelo fato de ser uma instituição particular, e ter um uso “restrito” devido ao seu alto valor para utilização, seus usuários que se utilizam de seus serviços o acessam por meio de veículos particulares, o que não torna a sua localização um problema técnico.

4.3 Jardim Multisensorial da Universidade de Portsmouth (Portsmouth, Inglaterra)

A concepção do Jardim Multi-sensorial da Universidade de Portsmouth surgiu a partir de um concurso de idéias para um jardim memorial do campus da universidade. A idéia vencedora foi originada da parceria de uma arquiteta e um estudante de arquitetura, que propuseram uma ambientes capaz de transmitir sensações de otimismo, serenidade e encorajamento. Isso se deu através da utilização do próprio meio ao seu redor como fonte de estímulos sensoriais capazes de fornecer essas percepções.

O jardim repleto de flores de diferentes espécies, escolhidasmeticulosamente segundo características de cor e essências olfativas - que exalam cheiros, mudam de cor com as estações do ano, produzem sons e se desmaterializam em contato com o vento, que podem ser tocadas e sentidas -, delimitado por um banco cuja inspiração é a própria flor desse jardim, sendo este em formato do próprio arco do caule dessa flor, e que “nasce” do chão até se transformar em um banco, terminando como um divisor entre um jardim “formal” e um jardim “selvagem”. O banco



Fig. 19 –Hipismo na Escola de Equitação Christus.

Fonte:www.cmf.ensino.eb.br/noticias/2008/junho/IVEtapaCavalaria/index.htm

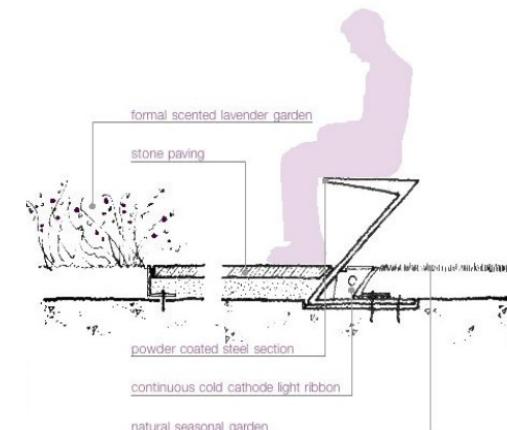


Fig. 20 – Corte setorial do jardim com banco.

Fonte:www.port.ac.uk/departments/studentsupport/chaplaincy/filetownload,110699.en.pdf

possui ainda iluminação especial noturna, que chama a atenção para o lugar, que está situado em um espaço isolado dentro do campus da universidade, próximo a biblioteca da universidade.

De acordo com seus idealizadores, o jardim foi projetado para criar um lugar de memória íntimo e simpático, e não inspirado em memoriais de pessoas mortas em conflitos armados. Assim, cada visitante do jardim passaria a dar um significado especial para ele através das sensações recebidas por este.

Esse é um exemplo de projeto que sintetiza com eficiência a aplicação da sensorialidade na arquitetura, tirando partido do meio ao seu redor como ferramenta para a criação de uma ambientes direcionada para a intenção das premissas do projeto. O uso dos recursos do ambiente como fonte de estímulos para grande parte dos sentidos – a visão, o olfato, a audição, e o tato -, procurando, através disso, gerar percepções, aflorar sentimentos, reatar memórias, é simplesmente a essência do projeto, que, com isso, consegue alcançar com sucesso seu objetivo: atrair as pessoas para um lugar antes deixado de lado pelos que ali passavam.

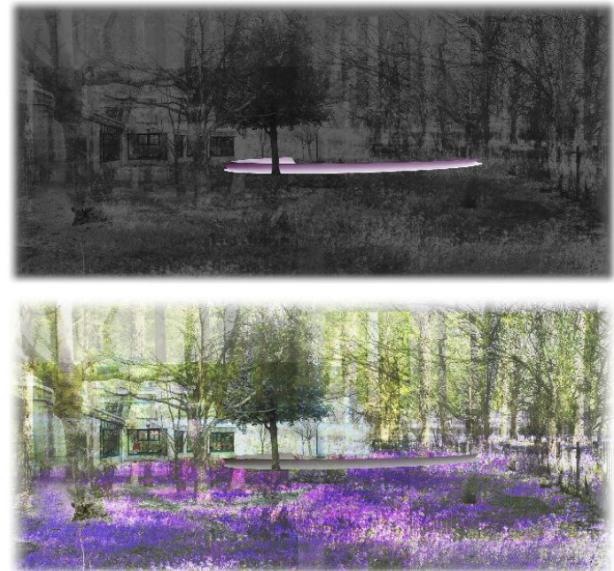


Fig. 21 – Visão noturna e diurna do jardim.

Fonte:www.port.ac.uk/departments/studentsupport/chaplaincy/filetownload,110699,en.pdf

CAPA ITEM 5

5.1 Conceituação do projeto

O Centro de Terapia Assistida por Animais é um núcleo onde são desenvolvidas atividades que promovam a melhoria da saúde física e/ou mental de pessoas debilitadas, com caráter temporário ou permanente, através do auxílio de animais durante as atividades desenvolvidas.

Mas pelo fato deste equipamento ter um objetivo relacionado à área de reabilitação, não quer dizer que este precise ter um caráter de clínica. Pelo contrário, a intenção do projeto é justamente que este lugar seja um local diferenciado para seus usuários, que estes se sintam como se estivessem em uma segunda casa, principalmente pelo fato desses tipos de tratamento serem de longa duração e ocuparem considerável parte do tempo do cotidiano de quem a eles se submetem.

Não só pelo fato de abrigar animais, a intenção do centro é que este tenha uma conotação de refúgio da cidade, onde as pessoas possam entrar em contato com a natureza através destes, e também da ambiência do espaço, principalmente nas áreas externas, onde há muitas espécies de árvores com copas que dão sombra, das quais se pode ouvir o som das folhas balançando com o vento, o som dos pássaros, pode-se sentir o cheiro das diferentes fragrâncias exaladas pelas flores e frutas, e pode-se ver o céu sem que seja através de uma janela.

Com relação aos bichos, devido à grande variedade de animais possíveis de serem utilizados no auxílio de tratamentos terapêuticos, haverá a ênfase no trabalho com cavalos, cães e gatos dentro dos processos de intervenção direta sobre o tratamento, podendo

posteriormente haver a introdução de animais de menor porte – como coelhos, tartarugas, hamsters, pássaros, peixes, etc.

Assim, a seguinte proposta vem não só como uma alternativa de tratamento para pessoas com problemas psico-sociais ou com deficiência, mas traz também a reflexão acerca da relação do homem com as suas origens, procurando, através disso, reatar vínculos entre as pessoas e a natureza – através não só do animal, como também do meio ambiente que as cerca constantemente -, e tentando evidenciar a importância desse contato para a manutenção do seu bem-estar e da sua qualidade de vida, que é válida para todos, e não somente para os que possuem algum tipo de carência ou debilidade.

A idéia é que esse espaço possua, além do seu caráter objetivo de um local de tratamento com fins específicos, tenha também um caráter subjetivo de lugar, onde as pessoas possam se sentir bem, relacionar-se com a natureza, sentir e trocar energias, e voltarem de lá com o espírito revigorado pela vivência de seu espaço.

5.2 Premissas projetuais

A proposta de se projetar um centro de terapia assistida por animais não se restringe apenas a uma infra-estrutura capaz de dar suporte físico-espacial a atividades que envolvam a relação do homem com o animal para fins terapêuticos. A filosofia deste centro vai além do simples projeto de um espaço voltado para essas atividades: primeiro, porque o público-alvo - as pessoas que freqüentarão este centro - são pessoas com necessidades específicas de atenção, cuidado, locomoção e

atendimento; depois, a presença de animais para um trabalho conjunto com as pessoas sugere a importância de se haver um tratamento diferenciado com relação ao ambiente em que serão realizadas as tarefas, visto que estes possuem necessidades diferentes das humanas, pois são seres bem mais ligados à sua essência de estar em contato com o que é verdadeiramente natural.

Desse modo, o foco do projeto é proporcionar, através do espaço físico, a criação de uma ambiência que promova a relação do homem com a natureza, o que já é proposto pela própria terapia assistida por animais. Portanto, é fácil perceber que o que se propõe é justamente a expansão do conceito da terapia para além da sessão em si, transformando-a em realidade concreta através de um espaço, que abrange seus limites para além do tempo cronológico de um determinado período cronometrado pelo tempo de uma sessão terapêutica, e criando, assim, também o tempo espacial de um lugar.

5.3 Demanda e localização do equipamento

A presença de um equipamento dessa tipologia em Fortaleza é de grande valia para o acréscimo de novas experiências nesse campo da reabilitação - principalmente no que diz respeito à área psico-social e mental -, visto que essa área de atuação, dentro do campo da saúde, está em plena expansão, e, além disso, há público para a utilização deste equipamento - que é de caráter privado, mas também destina uma porcentagem de suas vagas para o atendimento ao público externo que

não possui condições financeiras de arcar com as despesas do tratamento.

Os usuários em potencial para o centro são pessoas que moram na cidade de Fortaleza, devendo este, portanto, se localizar dentro do seu próprio perímetro urbano, ou, no máximo, na sua região metropolitana, procurando equilibrar a questão da localização (relativa aos clientes) com a demanda por espaço físico e tipos de atividades realizadas neste (relativa ao estabelecimento em si), as quais muitas vezes não são próprias para estar inseridas em um contexto urbano, tanto por questões de uso e ocupação do solo, quanto por questões de relacionamento com a vizinhança, visto que se trata de um local que irá abrigar animais, dos quais alguns possuem grande porte - como o caso dos cavalos - e podem trazer desconforto à vizinhança.

Desse modo, sua localização deve possibilitar o acesso facilitado de seus clientes ao local tanto por meio de veículos particulares quanto através do transporte público, visando os que se deslocam ao núcleo autonomamente, mas que não possuem veículo próprio, abrangendo, assim, uma maior esfera de pessoas usuárias em potencial para o equipamento.

5.4 Programa de necessidades

Os seguintes ambientes e áreas relativas a estes são estimativas aproximadas do que virá a ser implementado no projeto, visto que esse estudo foi feito anteriormente à criação deste como parâmetro para dimensionamento do equipamento proposto.

5.4.1 Quadro geral

Setor	Área estimada
Apoio ao usuário	498 m ²
Equipe multidisciplinar	318 m ²
Equipe veterinária	50 m ²
Cuidados aos animais	190 m ²
Espaços para atividades	1600 m ²
Setor administrativo	31 m ²
Apoio aos funcionários	134 m ²
Setor de apoio logístico	108 m ²
Estacionamento	962 m ²
Total:	3.891,00 m²

5.4.2 Quadros setoriais

Estacionamento

Capacidade	Área estimada
55 vagas	962 m ²
Total:	962 m²

Apoyo ao usuário

Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Recepção	01	20 m ²	20 m ²
Espera/área de estar	01	300 m ²	300 m ²
Lanchonete	01	20 m ²	20 m ²
Wc's públicos	02	09 m ²	18 m ²
Auditório (100 pessoas)	01	140 m ²	140 m ²
Total:	-	-	498 m²

Equipe multidisciplinar			
Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Sala do psicólogo	01	24 m ²	24 m ²
Sala para fisioterapia	01	80 m ²	80 m ²
Sala para psicomotric.	01	80 m ²	80 m ²
Sala do assistente social	01	12 m ²	12 m ²
Sala do fonoaudiólogo	01	24 m ²	24 m ²
Sala do terapeuta	01	48 m ²	48 m ²
Sala do médico	01	24 m ²	24 m ²
Sala de reunião	01	20 m ²	20 m ²
Banheiros pessoais	04	03 m ²	12 m ²
Wc's públicos	02	09 m ²	18 m ²
Total:	-	-	342 m²

Equipe veterinária

Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Sala do veterinário	01	24 m ²	24 m ²
Sala do equitador	01	20 m ²	20 m ²
Banheiros pessoais	02	03 m ²	06 m ²
Total:	-	-	50 m²

Caixa d'água

Capacidade para 50 m³ (50.000 litros)

Cuidados aos animais			
Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Baias para cavalos	03	16 m ²	48 m ²
Selaria	01	12 m ²	12 m ²
Canil	03	14 m ²	42 m ²
Gatil	3	14 m ²	42 m ²
Sala para banho e tosa	01	12 m ²	12 m ²
Depósito de ração	01	09 m ²	09 m ²
Total:	-	-	165 m²

Apoio aos funcionários			
Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Vestiário	02	18 m ²	36 m ²
Copa	01	12 m ²	12 m ²
Refeitório	01	30 m ²	30 m ²
Despensa	01	06 m ²	6 m ²
Estar dos funcionários	01	50 m ²	50 m ²
Total:	-	-	134 m²

Espaços para atividades com os animais			
Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Picadeiro	01	800 m ²	800 m ²
Piquete (pasto)	01	400 m ²	400 m ²
Campo de agility	01	400 m ²	400 m ²
Total:	-	-	1600 m²

Setor de apoio logístico			
Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Depósito de materiais de aulas	01	09 m ²	09 m ²
Depósito de jardinagem	01	09 m ²	09 m ²
Depósito de uso geral	02	09 m ²	18 m ²
Lavanderia	01	12 m ²	12 m ²
Almoxarifado	01	16 m ²	16 m ²
Carga e descarga	01	20 m ²	20 m ²
Garagem reservada à instituição	01	15 m ²	15 m ²
Casa do gás	01	04 m ²	04 m ²
Lixo	02	04 m ²	08 m ²
Central de medição elétrica	01	02 m ²	02 m ²
Guarita	01	04 m ²	04 m ²
Total:	-	-	117 m²

Setor administrativo			
Ambiente	Qntd.	Área/unidade	Área total
Admin./Diretoria	01	16 m ²	16 m ²
Secretaria/Tesouraria	01	09 m ²	09 m ²
Banheiros pessoais	02	03 m ²	06 m ²
Total:	-	-	31 m²

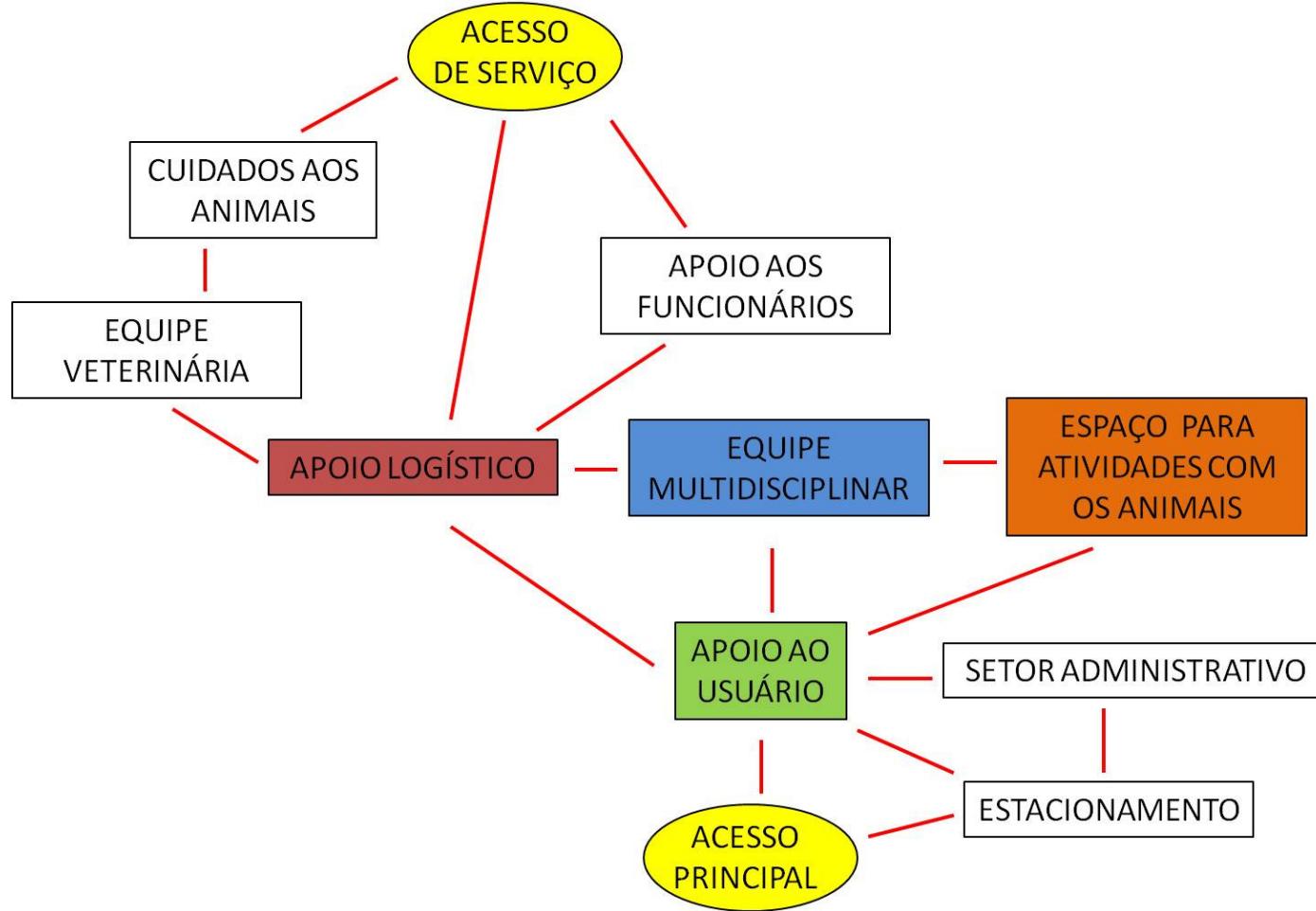
5.5 Quadro de funcionários

Os profissionais envolvidos no Centro de Terapia Assistida por Animais se revezam em 3 escalas – manhã (8:00-12:00), tarde(14:00-18:00) e noite (18:00-20:00), sendo esta última na verdade um pequeno prolongamento da escala anterior da tarde, com exceção do turno do vigilante -, e são listado a seguir:

Setor Profissional	12 funcionários	Turnos a cobrir
Fisioterapia	02 fisioterapeutas	Manhã/tarde/noite
Psicologia	02 psicólogos	Manhã/tarde/noite
Psicomotricidade	02 psicomotricistas	Manhã/tarde/noite
Serviço social	01 assistente social	Manhã/tarde
Fonoaudiologia	02 fonoaudiólogos	Manhã/tarde/noite
Terapia ocupacional	02 terapeutas	Manhã/tarde/noite
Medicina	01 médico (plantão)	Manhã/tarde/noite
Cuidados animais	06 funcionários	Turnos a cobrir
Medicina veterinária	01 veterinário	Manhã/tarde
Equitação	02 equitadores	Manhã/tarde/noite
Supoorte para aulas	02 auxiliares-guias	Manhã/tarde/noite
Trato de animais	01 tratador	Manhã/tarde

Administração	05 funcionários	Turnos a cobrir
Recepção	02 recepcionistas	Manhã/tarde/noite
Administração	01 administrador	Manhã/tarde
Secretaria	01 secretário	Manhã/tarde
Diretoria	01 diretor	Manhã/tarde
Apoio	05 funcionários	Turnos a cobrir
Lanchonete	02 funcionários	Manhã/tarde/noite
Copa/cozinha	01 funcionário	Manhã/tarde
Lavanderia	01 funcionário	Manhã/tarde
Almoxarifado	01 funcionário	Manhã/tarde
Serviços gerais	07 funcionários	Turnos a cobrir
Portaria/guarita	02 vigilantes	Manhã/tarde/noite
Transporte	01 motorista	Manhã/tarde
Limpeza	03 funcionários	Manhã/tarde/noite
Jardinagem	01 jardineiro	Manhã/tarde
Total:	35 funcionários	

5.6 Fluxograma



5.7 Sobre o funcionamento do centro

O Centro de Terapia Assistida por Animais fica aberto para atendimento ao público de segunda a sexta, das 8:00 às 12:00, e das 14:00 às 20:00, ficando o intervalo de 12:00 às 14:00 reservado para o horário de almoço e descanso dos funcionários, e, no sábado, funciona no período da manhã, das 8:00 às 12:00.

Sua infra-estrutura é projetada para atender 324 alunos/pacientes, que se dividem em 108 vagas para a Equoterapia, 108 vagas para a Cinoterapia, e 108 vagas para a Felinoterapia, onde são realizadas 20 sessões diárias de cada modalidade terapêutica de segunda a sexta, e 8 sessões de cada no sábado pela manhã.

As sessões de terapia assistida por animais são agendadas de forma que cada aluno/paciente possui horários fixos semanais de atendimento, passando a freqüentar o centro com a regularidade correspondente ao número de sessões semanais recomendadas segundo avaliação prévia obrigatória de um especialista da área médica. Esse procedimento é requisitado na recepção do centro, onde o funcionário notifica ao setor médico a chegada de um possível novo paciente, o qual é encaminhado à sala médica, onde passa por uma avaliação e é então encaminhado à área clínica mais adequada para o tratamento do seu histórico.

De acordo com o encaminhamento dado pelo profissional médico, a terapia assistida pode ser voltada às áreas de terapia ocupacional, psicoterapia, fonoaudiologia, psicomotricidade, e/ou fisioterapia – elas não se auto-excluem, e sim se complementam -, e é direcionada para o

tipo de animal mais compatível com o tratamento segundo também recomendação médica.

No centro, a terapia assistida é desenvolvida tanto em ambientes fechados, como em salas, como ao ar livre, nos campos abertos, sempre com a supervisão do profissional de saúde responsável e com o auxílio de todo o aparato clínico necessário, além da presença do animal co-terapeuta. Cada sessão dura em média 50 minutos.

Para as sessões de equoterapia realizadas no centro, a composição da equipe de profissionais é feita por um fisioterapeuta, um equitador e um psicólogo, podendo, de acordo com a necessidade, abranger outros profissionais da área da saúde. Com relação aos demais tipos de terapia praticados no centro- como a cinoterapia e a felinoterapia -, não há uma regulamentação de composição mínima da equipe médica, sendo necessária, entretanto, a presença obrigatória do tratador do animal, que monitora seu comportamento constantemente durante o tempo de duração da sessão de terapia assistida. Assim, de acordo com o objetivo a ser atingido durante o tratamento, o profissional a trabalhar juntamente com o tratador pode ser um psicólogo, um terapeuta ocupacional, um psicomotricista, um fisioterapeuta, um fonoaudiólogo, ou vários deles em conjunto, ou ainda em alternância.

Para as atividades realizadas em ambientes fechados há as salas especialmente projetadas para cada tipo de atividade: a fisioterapia, a terapia ocupacional, a psicomotricidade, a fonoaudiologia e a psicoterapia, onde cada uma destas contempla os equipamentos fundamentais para sua realização. Já as atividades realizadas extra-salas

são praticadas no picadeiro voltado à equoterapia ou no campo de voltado à prática de agility com cães.

Ainda nas áreas voltadas para atividades do usuário do centro, há o auditório - com capacidade para 100 pessoas, onde podem ser realizadas palestras, seminários e eventos de divulgação e promoção do centro – e uma lanchonete com amplo espaço de estar, que dá apoio tanto ao paciente do centro, mas principalmente ao seu acompanhante, que muitas vezes fica à sua espera enquanto a sessão de terapia não termina.

Fazendo a ponte entre o usuário e o setor logístico está a administração, ficando esta encarregada da direção do centro, enquanto que este é responsável pelo seu funcionamento efetivo. No setor logístico se concentra toda a parte de serviços do centro, dentre eles o setor de apoio ao funcionário – refeitório, vestiários, estar -, de serviços gerais – depósitos, almoxarifado, lavanderia –, de cuidados aos animais – sala veterinária, depósito de ração, etc –, os abrigos dos próprios animais - os canis, os gatis e as baías dos cavalos -, e o setor de carga e descarga.

Os animais que pertencem ao centro são cuidados por profissionais da área, como o veterinário responsável, o equitador, os tratadores e os auxiliares-guias, que permanecem durante o dia no centro tratando da saúde física e da sociabilidade dos animais, para que estes estejam sempre aptos ao convívio com as pessoas durante as sessões de terapia assistida. Para tal, para cada espécie há uma série de requisitos específicos de cuidados direcionados - como espaço físico mínimo de abrigo, horas de banho de sol, vacinação, vermifugação e cuidados constantes com a higiene -, sempre orientados pelo veterinário e administrados pelos tratadores responsáveis.

Apesar de ser particular, o centro possui uma reserva de 10% do total de suas vagas para o atendimento à comunidade de um modo geral, sendo necessária uma avaliação prévia do quadro clínico do pretendente à vaga para que este passe a pleiteá-la, passando então este a ver a disponibilidade de horários livres, podendo, caso não haja vaga imediata, entrar na fila de espera. A ordem de todos os atendimentos segue estritamente a ordem da lista de procura dos interessados pelo serviço.

Para os pacientes que não possuem meio de transporte viável para seu deslocamento até o centro, este disponibiliza aos seus usuários o serviço de busca e deixa do paciente, realizado em veículo pertencente ao centro, ficando tal serviço sujeito a pagamento adicional, mediante análise do caso. O edifício possui estacionamento próprio em seu interior, com capacidade de 45 vagas para os usuários que venham ao centro por meio de veículos particulares.

5.8 Escolha do terreno

Quando se fala em terapia, uma das primeiras coisas que se pensa é algo relacionado ao combate ao estresse, que traga do bem-estar e da melhoria da qualidade de vida. E quando se acrescenta a isso a idéia da utilização de animais na sua prática - com um local próprio para a realização dessas atividades -, a primeira idéia em mente é um lugar que fuja de tudo o que remete a esse estresse, e que vá ao encontro da natureza, que já está em parte inserida nesse contexto através da presença dos animais. Assim, como primeira condicionante para a escolha do terreno, foi estabelecido que o local deveria estar situado em uma

área com presença considerável de verde, ou ainda pouco urbanizada, com o objetivo de amenizar o impacto da vida urbana sobre o equipamento e seus usuários (os pacientes) e integrantes (os animais) – grandes e altas aglomerações edificadas, congestionamentos de veículos, poluição sonora e do ar, etc. –, os quais necessitam de cuidados e condições especiais para poderem realizar suas atividades plenamente.

Como segunda condicionante para a escolha do terreno, estipulou-se que a acessibilidade ao equipamento deveria ser possibilitada não só por meio de veículos particulares, mas também através do meio de transporte público coletivo, visto que, apesar do equipamento ser de iniciativa privada, este possui um percentual de vagas direcionadas para o atendimento à comunidade. Portanto, esta deve estar munida do mínimo de meios existentes de transporte para acessar o equipamento.

A terceira condicionante diz respeito à área espacial mínima para implantação do equipamento. Esta ficou em torno de 3.500m² de acordo com a estipulação da área total a ser ocupada. Portanto, procurou-se por lotes com áreas mais generosas, que pudessem garantir não só a área mínima, mas um espaço capaz de se fazer valer com eficiência as articulações e distribuição dos setores e ambientes ao longo do terreno.

Vários terrenos foram analisados até que se chegasse ao que foi escolhido para a implantação do equipamento. Alguns possuíam localização interessante dentro do conceito do projeto, mas eram inacessíveis; outros possuíam acessibilidade e localização favoráveis, mas não tinham área suficiente para receber o equipamento; outros, ainda, atendiam a todas as premissas, mas foram barrados pela Lei de Uso e



Fig. 22 – Foto aérea da localização do terreno escolhido.

Fonte: Imagem retirada do Google Earth e editada pela autora.



Fig. 23 – Foto do terreno escolhido. Fonte: autora.

Ocupação do Solo (LUOS), que não permitia esse tipo de atividade em determinada área.

Assim, depois de se analisar as várias possibilidades, chegou-se à localização do bairro do Alagadiço Novo/José de Alencar, situado na regional VI, em um lote desocupado que fica ao lado do Sítio Alagadiço

Novo – onde se situa a Casa José de Alencar -, e é limitado pela Rua Antônio Gentil Gomes ao norte, pela Rua Manuel Teixeira a leste, pela Avenida Izabel Maia e Silva de Alencar ao sul, e pela Avenida Washington Soares a oeste, cujas dimensões aproximadas de 145 x 87 metros dão uma área total é de 12.615,00 m².

Esse lote foi escolhido dada a presença de poucas residências em seu entorno imediato – devido à questão dos barulhos provenientes dos animais -; pela questão da garantia do acesso tanto na questão cidade-equipamento – que é facilitada pela proximidade a um grande eixo de circulação viária, por onde passam linhas de ônibus e vans – quanto na questão via-equipamento – onde se pode separar o acesso principal do acesso de serviço por vias distintas devido ao lote ir de uma ponta a outra da quadra -; pela presença significativa de verde; e pela topografia do terreno, que mesmo possuindo desnível, não gera desconforto para a realização das atividades do equipamento - por esse desnível ser “dissolvido” ao longo da grande extensão do lote -, e ainda propicia sua implantação sem que haja a necessidade de criação de pavimentos além do pavimento térreo.

5.9 Entorno edificado

Os equipamentos situados no entorno do lote escolhido, a oeste, evidenciam um lugar de passagem, na Avenida Washington Soares, com o supermercado São Luiz, lojas de pequenos comércios, e casas de espetáculos noturnos – Sítio Tá Bonito e Kangalha. Ao norte, há o Sítio Alagadiço Novo, onde se encontra a Casa José de Alencar – cuja área está prevista, dentro do novo Plano Diretor de Fortaleza, para se consolidar como a Zona Especial de Preservação do Patrimônio Paisagístico, Histórico, Cultural e Arqueológico Alagadiço Novo / José de Alencar - que compõe um importante marco local, além de ser também um espaço com composição vegetal considerável, o que vem a agregar valor ao equipamento proposto devido à proximidade imediata entre ambos.

A leste inicia-se, ainda na mesma quadra, a presença de lotes com residências unifamiliares - característica que é acentuada à medida que se adentra no sentido oeste-leste na via que limita o lote de intervenção ao sul pela Avenida Izabel Maia e Silva de Alencar -, e é mesclada com a presença de habitações de baixa renda, que estão previstas para aumentar de quantidade com a implantação de ZEIS 2 – Zonas Especiais de Interesse Social de Conjuntos - nessa região.

A composição de todo esse conjunto indica a característica de transição do local, de um espaço urbano em sua essência para um espaço menos denso, mas que ainda está em processo de transformação, sem que necessariamente este tenha o mesmo destino do primeiro, principalmente pelas peculiaridades existentes nesse contexto urbano. E foi também por essa riqueza de diversidade compositiva que o Centro de

Terapia Assistida por Animais vem para o seu meio, para assim também acrescentar valor ao conjunto.



Fig. 24 – Sítio Alagadiço Novo. Fonte: Google Earth.



Fig. 25 – Residências de baixa renda no entorno do terreno.
Fonte: autora.

5.10 A questão urbanística e sua legislação

De acordo com o novo Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDP-FOR), a área abrangida pelo lote escolhido para a implantação do equipamento está situada na Zona de Ocupação Moderada 2 (ZOM 2), na qual, dentre os seus objetivos, estão os de “conter a ocupação urbana em áreas ambientalmente sensíveis e de interesse ambiental” e “incentivar a valorização, a preservação, a recuperação e a conservação dos imóveis e dos elementos característicos da paisagem e do patrimônio”, fatores estes que influenciaram na escolha de sua localização, por irem ao encontro das premissas do projeto.

Assim, fazendo o cruzamento da zona escolhida para a implantação do equipamento com sua tipologia de uso e o plano diretor, não há nenhuma restrição quanto à compatibilização do centro dentro desta área urbana. Já em relação à Lei de Uso e Ocupação do Solo do Município de Fortaleza, pelo fato do Centro de Terapia Assistida por Animais ainda não ser um equipamento consolidado pela natureza das suas atividades - visto que as atividades envolvidas por esse tipo de projeto ainda não foram estudadas a fim de se ter um enquadramento preciso dentro da lei -, procurou-se enquadrá-lo em um setor que tivesse a maior proximidade possível com suas funções, tendo sido ele, portanto, comparado ao grupo “Serviços”, subgrupo “Saúde”, com atividade voltada para “Serviços de terapia e reabilitação” com área útil entre 1.001 e 2.500 m². Com isso, para efeito de lei, o dado equipamento foi classificado como um PGT 1 – Pólo Gerador de Tráfego -, apesar de, dentro dos estudos realizados a respeito desta tipologia de equipamento, este não ser considerado como

tal, principalmente pela natureza de suas atividades, que não se constituem como pólos agregadores de pessoas e geradores de tráfego, como a exemplo de um hospital.

Assim, dada a classificação estipulada pela análise da LUOS, a ressalva que se faz aqui é com relação à via pela qual se dará o acesso ao equipamento. Esta, dentro da classificação da LUOS, é considerada como “local” - a qual não pode receber um PGT, só vias arteriais -, apesar de, na realidade, ser uma avenida – Av. Izabel Maia e Silva de Alencar -, por onde passam linhas de ônibus, e que possui uma caixa com capacidade de tráfego para 2 veículos em cada sentido do fluxo, além de possuir um canteiro no meio fio.

Entende-se, portanto, que mesmo a LUOS restringindo a instalação desse tipo de equipamento em um via considerada como “local”, a citada via onde o projeto será implantado, na realidade, é plenamente capaz de suprir com a demanda de tráfego para este tipo de equipamento, mesmo que esta tivesse uma caixa reduzida, por não se considerar essa tipologia de atividade um PGT, onde se faz necessária a reestruturação da via ou a mudança da localização da via de acesso do equipamento para sua implantação, considerando, assim, essa questão como não impeditiva para a realização do projeto no dado lote.

Desse modo, e para se dar início aos trabalhos relativos ao projeto propriamente dito, foram adotados os seguintes parâmetros urbanísticos, baseados no novo Plano Diretor de Fortaleza, por este estar em maior conformidade com as questões urbanísticas atuais:

Índice de aproveitamento básico: 1,0;
Índice de aproveitamento máximo: 1,5;
Índice de aproveitamento mínimo: 0,1;
Taxa de permeabilidade: 40%;
Taxa de ocupação: 50%;
Taxa de ocupação de subsolo: 50%;
Altura máxima da edificação: 48m;
Área mínima de lote: 150m²;
Testada mínima de lote: 6m;
Profundidade mínima do lote: 25m.

Já com relação à implantação da edificação no lote, foram-se levados em consideração os recuos mínimos estabelecidos pela LUOS para edificações com classificação PGT 1 em vias arteriais – pois a lei só permite sua implantação neste tipo de via, de acordo com a classificação do dado equipamento na lei, conforme visto anteriormente - para efeito de normatização projetual, tendo sido, portanto, adotados os seguintes valores como parâmetros:

Reculo frontal: 10m;
Reculo lateral: 10m;
Reculo de fundo: 10m.

CAPA ITEM 6

6.1 Implantação

Para a determinação da implantação do edifício no terreno, foram levados em consideração fatores como iluminação, ventilação, topografia, entorno, e vegetação existente, além dos próprios acessos desejados para a edificação.

A localização centralizada da edificação no interior do terreno visou resguardar o entorno edificado da influência das atividades que ocorrem no edifício-projeto, ao mesmo tempo em que procurou tirar proveito da sombra proveniente das árvores já existentes no terreno – que são mais adensadas na área central do lote -, e procurou promover um espaço de transição para quem chega ao edifício, diluindo o percurso entre o acesso da rua - pelo sul do lote - com o edifício, que fica mais centralizado no terreno.

Alguns setores do edifício balizaram a implantação geral da edificação:

- **o picadeiro**, que possui uma área de ocupação generosa, foi implantado no setor sudeste do terreno, sentido leste-oeste, para ter uma das faces de menor dimensão voltada para oeste, além do fato de sua localização ser a mais viável de se contornar com relação à declividade do terreno, visto que o picadeiro necessita de uma grande área plana, e que o terreno possui uma relativa declividade;

- **a área de abrigo dos animais**, que precisa estar interligada com o setor de serviços e que deve afastar do restante do edifício os odores provenientes dos animais, o que foi solucionado colocando esses abrigos no setor norte do lote, onde já não há mais atividades depois destes.



Fig. 26 – Foto aérea (sentido sudoeste-nordeste) da implantação do edifício no terreno. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 27 – Foto aérea (sentido nordeste- sudoeste) da implantação do edifício no terreno. Fonte: Maquete da autora.

Assim, o vento predominante Sudeste leva os odores desse local para fora dos limites do terreno;

- e os piquetes, que também necessitam de uma área considerável, apesar de não terem requisitos com relação à declividade. Eles foram locados na porção oeste do lote, onde há uma certa proteção contra a insolação no período da tarde por eles estarem imediatamente colados na lateral do terreno, fato que não os priva da incidência do sol, principalmente devido a essa porção do terreno não possuir árvores com grandes copas, o que proporciona o banho de sol desejado para a manutenção da saúde dos cavalos que vão descansar nesses pastos.

Procurou-se locar as áreas voltadas às sessões de terapia – tanto as salas quanto as áreas externas como o picadeiro e o campo de agility - na porção leste do lote, de modo que estas recebam o sol matinal, que é mais ameno, e posicionar as áreas relativas ao estacionamento e à parte de serviços para o oeste e norte, respectivamente, pois assim há uma maior proteção da parte da edificação que tem mais importância contra a incidência direta do sol – a parte onde ocorrem as atividades da terapia assistida em si -, e ainda pelo fato do setor de serviços não possuir circulação constante dos usuários do centro por essa parte das instalações físicas, além de haver um acesso de serviço pelo setor norte do lote.



Fig. 28 – Foto aérea do acesso de serviço pela Rua Antônio Gentil Gomes.
Fonte: Maquete da autora.



Fig. 29 – Planta esquemática de distribuição dos setores. Fonte: Autora.

6.2 Acessos

O acesso principal ao edifício se dá pela Avenida Izabel Maia e Silva de Alencar e é controlado através de portão com guarita, a qual realiza a identificação do visitante. Esse acesso é recuado em relação ao leito da avenida para que quem chega ao edifício possa parar o carro para se identificar sem causar interferência no fluxo da via urbana. Após identificação, já no interior do lote há vias internas que dão acesso ao saguão principal - que é marcado por uma grande marquise e que possui local para embarque e desembarque de pessoas – e ao estacionamento para clientes - com capacidade para 45 veículos -, além de espaço para realização de manobras dos carros. Do estacionamento há um acesso direto para o saguão da recepção do edifício, sem que haja necessidade de se retornar para a área onde ocorre o embarque e desembarque.

As vias internas do lote possuem leito pavimentado de 3 a 5 metros, e as vagas para veículos possuem dimensões de 2,30x 4,50 m, exceto as duas vagas reservadas para deficientes, que além da dimensão da vaga em si, possuem entre si uma área de 4,60 m, destinada à manobra de transferência da pessoa que está no interior do veículo para a cadeira de rodas,e vice-versa.

O acesso de serviço se dá pela Rua Antônio Gentil Gomes, e é por onde todos os funcionários que trabalham no centro têm acesso ao edifício e guardam seus carros, motos e bicicletas. Então estes têm acesso aos vestiários, onde guardam seus pertences e se preparam para a jornada de trabalho. É também por essa rua que ocorre o acesso dos caminhões de carga e descarga e de transporte de animais, incluindo os

de maior porte como os cavalos. Assim, esse setor dá acesso tanto à parte de cuidados aos animais quanto à parte logística, onde ficam os depósitos de materiais e de suprimentos para os animais.

Na parte de serviço há 10 vagas para os veículos de funcionários e 15 vagas para motos.



Fig. 30 – Entrada da edificação. Fonte: Maquete da autora.

6.3 Entrada, saguão e recepção

O primeiro contato que se tem com o edifício quando se adentra em seu lote é com a grande e extensa coberta que, com seus movimentos sinuosos de sobe e desce que fazem variar o pé direito, gera uma sensação de grandiosidade e ao mesmo tempo acolhimento. Uma

marquise mais baixa e sacando em relação ao restante da coberta destaca a entrada da edificação. Ao adentrá-la, novamente o pé direito aumenta, e surgem os primeiros volumes construídos, entre eles, o em destaque no cenário, que é onde acontece a recepção, um o volume em formato circular, com baixo pé direito, dando uma escala mais humana à porção edificada, que contrasta com o da grande coberta. Estando na cota mais alta em relação à todas as áreas edificadas, o saguão é o ponto inicial de partida e direcionamento para as outras áreas da edificação, que vão sendo indicadas gradualmente pela presença das circulações verticais que acontecem ao longo da edificação.

6.4 Setor de apoio ao usuário

O setor de apoio ao usuário, constituído pela área de estar e espera, lanchonete e banheiros públicos, é um dos pontos de maior importância do edifício. Concebido para ser um espaço de congregação, ele é ao mesmo tempo a sala de estar e o salão de festas do centro. Por ser um lugar que tem a função de dar suporte aos usuários, tanto os que participam das atividades do centro, quanto os que estão ali como acompanhantes, ele fica no centro da edificação, podendo se ter dali uma apreensão das principais atividades que acontecem no centro: a equoterapia no picadeiro, a cinoterapia no campo de agility, e outras terapias assistidas nas salas do bloco multidisciplinar.

É essencialmente um espaço de estar e espera, mas é também um lugar de contemplação das atividades que ocorrem ao seu redor, além de ser um grande corredor aberto, por isso mistura características de

passagem e permanência. Ao mesmo tempo em que é um elemento conector entre a recepção e o bloco multidisciplinar, possui um grande banco que margeia um extenso espelho d'água, jardins internos cortados pelas próprias circulações verticais, e a lanchonete, com seus vários conjuntos de mesas e banquinhas para acomodar seus clientes. Seu amplo pé direito permite uma maior apreensão do espaço como um todo e também possibilita a circulação constante do vento por sob a coberta, tornando esse lugar sempre bem ventilado e com clima agradável, se tornando bastante aconchegante.

Devido a essa mistura de características e funções, é que esse espaço pode ser cotidianamente a grande varanda para o acompanhante de um paciente, e pode também ser o espaço para promoção de eventos como as confraternizações dos usuários do centro.



Fig. 31 – Setor de apoio ao usuário. Fonte: Maquete da autora.

6.5 Bloco multidisciplinar

O bloco multidisciplinar contempla as salas onde ocorrem as atividades relativas à terapia assistida por animais sob a supervisão dos profissionais. Portanto, sua concepção visou o condicionamento de fatores que facilitassem esse processo de aproximação e contato do usuário com o animal co-terapeuta, procurando, para isso, se estabelecer uma nova ambência favorável para a realização desse processo.

A criação dessa nova ambência se inicia ainda antes de se adentrar efetivamente nas salas. A circulação que dá acesso a estas, inteiramente provida de cobertas retráteis com abertura basculante, torna o caminho em direção à sessão que se realiza nas salas um verdadeiro caminhar sob pérolas, que deixam passar apenas parte da luz, fazendo um jogo de luz e sombra nas paredes e no chão, indicando uma transição entre os simples corredores de passagem e as salas onde acontecem as atividades em si.

Adentrando nas salas, todas possuem grandes aberturas em esquadrias pivotantes, onde algumas dão imediatamente para os jardins internos existentes entre as circulações que dão acesso às salas, outras dão visual para o grande espelho d'água que fica no setor de apoio ao usuário, configurações que impedem a proximidade do interior da sala com o seu exterior, ao mesmo tempo em que estabelecem uma conexão entre esses espaços, aumentando também a sensação de proximidade com a natureza, pois o jardim e o espelho d'água adentram no espaço e passam a fazer parte da composição do ambiente.



Fig. 32 – Bloco multidisciplinar. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 33 – Sala de fisioterapia. Fonte: Maquete da autora.

Outro fator que visa uma maior aproximação do usuário com a natureza é a utilização de painéis corrediços como teto das salas. Eles possibilitam a diminuição da “zona de barreira” – diga-se teto - entre o campo de visão de uma pessoa e o céu em 50%, transformando o interior das salas em verdadeiros espaços a céu aberto, podendo assim, se desfrutar da sombra das grandes mangueiras existentes no terreno e apreciar o céu.

6.6 Setor de apoio ao funcionário

O bloco de apoio ao usuário, que contempla os vestiários, o refeitório e a área de estar, foi pensado para ser além de um espaço de suporte profissional para quem ali trabalha, ser também um lugar aconchegante, onde o funcionário possa descansar em seu intervalo de trabalho para o próximo turno. O refeitório fica próximo ao espaço de estar, e possui uma grande esquadria que faz uma ligação, no mínimo visual, entre esses dois espaços. Já a área de estar fica sob a copa das mangueiras, criando um espaço agradável. Toda a circulação que conecta os elementos desse bloco é coberta, permitindo um trânsito sem empecilhos mesmo em dias de chuva.



Fig. 34 – Área de lazer dos funcionários. Fonte: Maquete da autora.

6.7 Circulações

As circulações que fazem as ligações entre os ambientes do edifício são, em geral, bastante generosas. Isso foi feito de forma intencional, com o objetivo de se tornar o caminhar não só simplesmente uma passagem entre espaços, mas sim um apreciar do espaço a sua volta. Assim, a circulação passa a ser parte da composição do edifício, e para isso, foi dotada de maiores dimensões, ganhando relevância no conjunto, e deixando de ser apenas corredores.

6.8 Blocos de abrigo e cuidado aos animais

A área destinada ao abrigo dos animais fica um pouco mais isolada do restante da edificação pela questão do barulho e dos odores provenientes desse setor. Mesmo assim, recebeu tratamento especial para comportar adequadamente as atividades relacionadas aos seus “habitantes”. Tendo como principais inquilinos cavalos, cachorros e gatos, cada espécie foi agregada entre si e separada das demais, para que não houvesse conflitos entre as partes. O canil tem ainda suas próprias unidades separadas visualmente entre si. Já as dos gatos são separadas entre si apenas por alambrados. Todos os abrigos para cães e gatos possuem ligação com jardins externos às unidades, diminuindo a proximidade entre pessoas e animais, o que contribui para a tranquilidade dos animais. Os cavalos, por serem animais mais sociáveis, precisam de contato visual com os demais de sua espécie. Portanto, a separação entre baias é feita por grades, e a porta que faz o fechamento da baia possui uma divisão que possibilita sua abertura superior, permitindo que o animal coloque sua cabeça para fora e aprecie o movimento externo.



Fig. 35 – Baías dos cavalos. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 36 – Canis e gatis. Fonte: Maquete da autora.

6.9 Conforto térmico e iluminação

Uma das principais diretrizes para a manutenção do conforto térmico no interior da edificação foi a manutenção de grande parte da vegetação já existente no lote, que são na maioria árvores de grande porte e com copa generosa, que produzem sombra abundante e amenizam com eficiência o efeito térmico provocado pela incidência direta do sol sobre a edificação, o que propicia a criação de uma ambência agradável e com iluminação indireta.

Outro fator que contribui para a regulação da temperatura no edifício foi a escolha das cobertas. A grande coberta única que abrange a primeira porção edificada do equipamento, apesar de ser metálica, possui formato abobadado, tem um grande pé direito e um lanternim em seu cume, além de ser completamente aberta em suas laterais, fatores que condicionam a subida do ar quente em direção ao lanternim, por onde este ar quente é levado pelas correntes de ar externas à edificação, além da própria circulação e renovação de ar promovida pela ventilação natural que percorre o interior do edifício através da ausência de fechamento lateral na coberta.

Já o restante da edificação tem suas cobertas protegidas por isolamento termo-acústico com a utilização das telhas tipo sanduíche, que impedem a absorção de grande quantidade de calor para o interior da edificação.

Com relação à iluminação, a grande coberta metálica com pé direito elevado e suas aberturas laterais permitem a entrada de iluminação indireta no interior do edifício, e o lanternim com parte do

fechamento em policarbonato refletivo permite a entrada de iluminação zenital sem que haja a entrada de grande quantidade de calor na edificação. Nos blocos do setor multidisciplinar, a cobertura destes é feita com painéis corrediços, que podem ser abertos, permitindo a entrada de luz natural no interior dos ambientes. Nas demais áreas, há pátios internos que trazem a luz natural para o interior do edifício, e onde não há grandes aberturas, utilizou-se de grandes painéis laterais como esquadrias, com o uso de vegetação agregada, permitindo uma entrada restrita de luz na edificação, como no caso do corredor que liga o setor do usuário ao setor logístico.

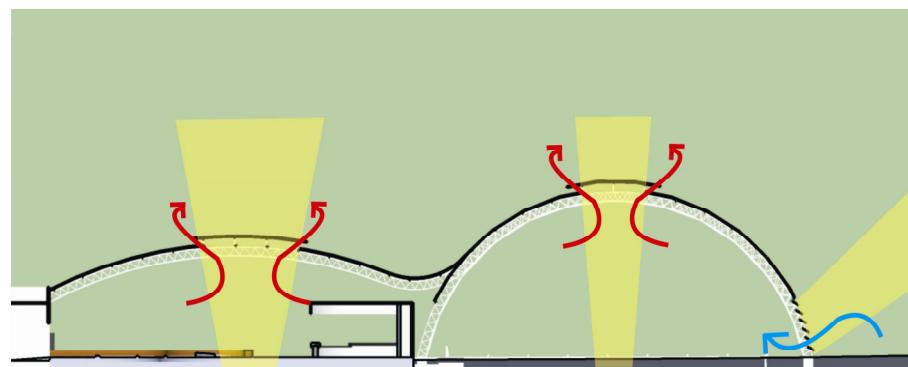


Fig. 37– Esquema de ventilação e iluminação das áreas sob a coberta metálica. Fonte: Maquete da autora.

6.10 Acessibilidade

Visando principalmente o público-alvo do Centro de Terapia Assistida por Animais, mas também a toda a comunidade, que tem direito por lei a usufruir e acessar todo e qualquer espaço público, o equipamento proposto foi todo projetado levando-se em consideração a questão da pessoa com deficiência, seja em sua locomoção até o edifício a pé ou de carro, em seu percurso pelo interior deste, no atendimento em uma recepção ou na utilização dos banheiros.

Todo o edifício está adequado para que toda e qualquer pessoa possa circular livre, independente, e em segurança por ele, além de ter havido a preocupação projetual de não se fazer acessos de forma exclusiva, mas sim inclusiva, onde todos fazem os percursos de forma similar, sem distinção de fluxos e acessos. Para tanto, todas as circulações verticais presentes na edificação – com exceção da que dá acesso à área de estar do usuário – se dão por meio de rampas, cujas inclinações máximas são de 8,33%, conforme normatização da NBR 9050.

Os banheiros são dotados de cabines acessíveis, sem que haja uma unidade exclusiva e independente para a pessoa com deficiência – exceto o destinado ao funcionário com deficiência, pois pelo fato deste muitas vezes tomar banho no trabalho, optou-se por se fazer um conjunto completo do banheiro para. Todos os ambientes possuem acessos que permitem a entrada de uma cadeira de rodas. Também no estacionamento há vagas adequadas para o uso por pessoas com deficiência ou locomoção reduzida, que precisem de uma área maior para embarque e desembarque.

CAPA ITEM 7

7.1 Estrutura

Adotou-se o concreto armado como estrutura principal para os sistemas de vigas e pilares do edifício. Com relação às lajes, como há vários blocos e coberturas independentes, em alguns casos optou-se pelo uso da laje volterrana – em blocos independentes e que possuem pequenos vãos –, em outros, pela laje maciça. Em alguns pontos específicos, onde se desejou ter vãos mais generosos, utilizou-se do concreto protendido como suporte estrutural para as vigas para se alcançar tal finalidade. Para vedações foi utilizada a alvenaria convencional em tijolo cerâmico.

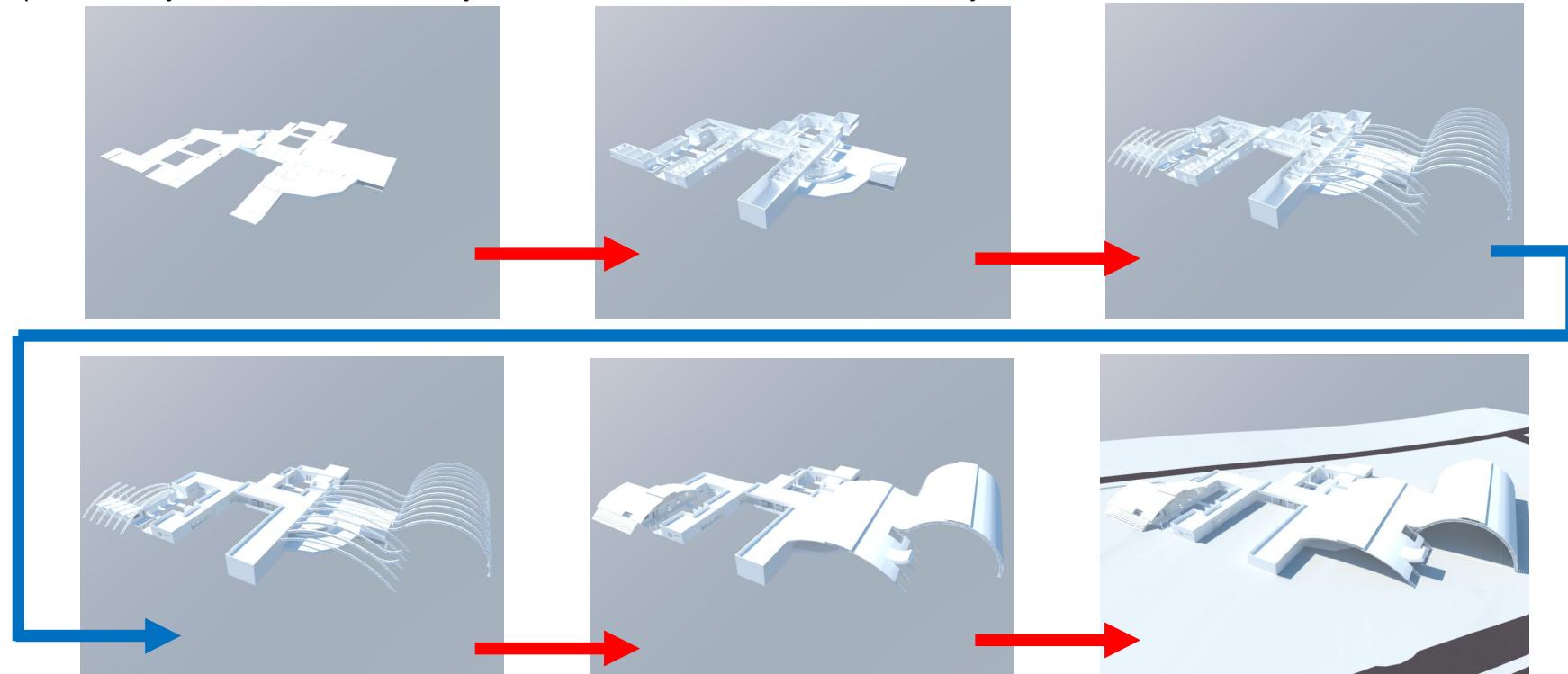


Fig. 38 – Esquema de estrutura do edifício. Fonte: Maquete da autora.

7.2 Cobertura

Utilizou-se de 4 tipos de coberta para proteção da edificação contra agentes naturais:

- **telha metálica tipo sanduíche com proteção termo-acústica**, com inclinação de 5%, utilizada nos blocos dos setores administrativo, logístico, de apoio ao funcionário e da equipe veterinária;

- **cobertura em estrutura metálica treliçada plana em arcos**, com fechamento em chapas de alumínio, na recepção, área de apoio ao usuário e picadeiro;

- **painéis corredícos em alumínio**, com tratamento termo-acústico em lã de vidro, nos blocos do setor multidisciplinar;

- **coberta em chapas de alumínio retráteis**, com sistema basculante, de caráter mais compositivo do espaço, fazendo o papel de pérgolas, do que propriamente de coberta, mas que pode desempenhar tal função plenamente no período das chuvas, quando pode ser fechado.

Para captação das águas pluviais, utilizou-se de calhas em concreto impermeabilizadas nas cobertas em telha tipo sanduíche, embutidas em sua estrutura, e nas demais, utilizou-se de calhas metálicas expostas, nas laterais das cobertas.

7.3 Materiais

Os materiais empregados no edifício foram pensados para serem de boa durabilidade e fácil limpeza, além, principalmente, de garantir a

segurança de seus usuários. Portanto, utilizaram-se nas circulações cobertas pisos industriais e, nas áreas de atividades, porcelanato antiderrapante. Nos abrigos dos animais, foi utilizado o cimento queimado, por este ser de grande durabilidade e fácil manutenção. Para revestimento das paredes, optou-se por acabamentos laváveis como tinta PVA látex e tinta acrílica, e cerâmica até meia altura em área molhadas. Já como forro, há alternância entre forros de gesso e de PVC (usado nos banheiros), lajes aparentes com pintura, e cobertas aparentes.

Nas áreas externas, foi empregado o uso de piso intertravado nas áreas de passeio para pedestres, e piso concregrama na pavimentação das vias e estacionamento de veículos, exceto na área relativa às vagas reservadas para pessoas com deficiência, e para acabamento externo das fachadas, utilizou-se tinta PVA látex.

7.4 Exaustão

Alguns banheiros de salas do bloco administrativo (tesouraria, assistente social e recepção) não possuem aberturas que permitam a exaustão destes para o exterior da edificação. Essa exaustão é feita, portanto, de forma indireta, através da abertura de janelas destes compartimentos para os banheiros públicos do setor de apoio ao usuário, os quais possuem exaustão direta para a parte externa da edificação.

7.5 Caixa d'água

A caixa d'água do edifício constitui-se de uma torre em formato cilíndrico, com 2 metros de diâmetro por 7 metros de altura, que fica isolada em relação às edificações onde ocorrem as atividades do centro, e tem capacidade para 50.000 litros, divididos entre a própria caixa d'água e a cisterna, a qual fica sob o terreno, na mesma localidade da torre. Para cálculo do volume de água necessário foram levadas em consideração as necessidades relativas aos usuários do centro, seus funcionários e atividades relacionadas, animais e rega periódica de jardins.

Por questões de manutenção e limpeza da caixa d'água, esta foi dividida em 02 compartimentos, não sendo necessário interromper o fornecimento de água caso seja preciso fazer um eventual reparo.

CAPA ITEM 8



Fig. 39 – Vista do complexo pela Avenida Izabel Maia e Silva de Alencar. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 40 – Acesso à edificação: guarita de controle e marquise demarcando a entrada. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 41 – Área de embarque e desembarque e recepção, com acesso ao estacionamento. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 42 – Acesso ao setor de apoio ao usuário com iluminação zenital. Fonte: Maquete da autora.

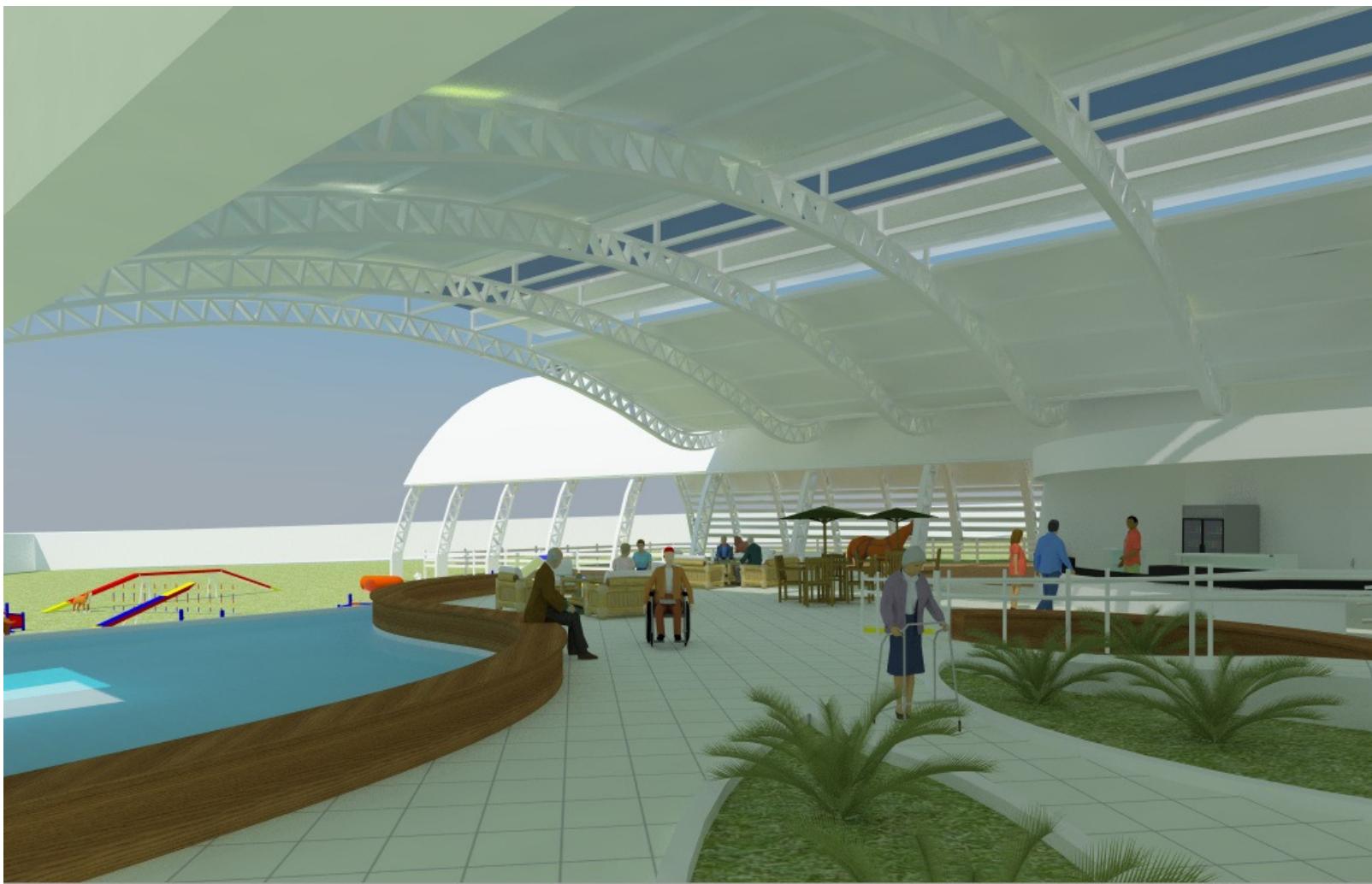


Fig. 43 – Apoio ao usuário. Espelho d'água, banco em madeira e jardins internos. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 44 – Apoio ao usuário. Integração com demais setores de atividades. Fonte: Maquete da autora.

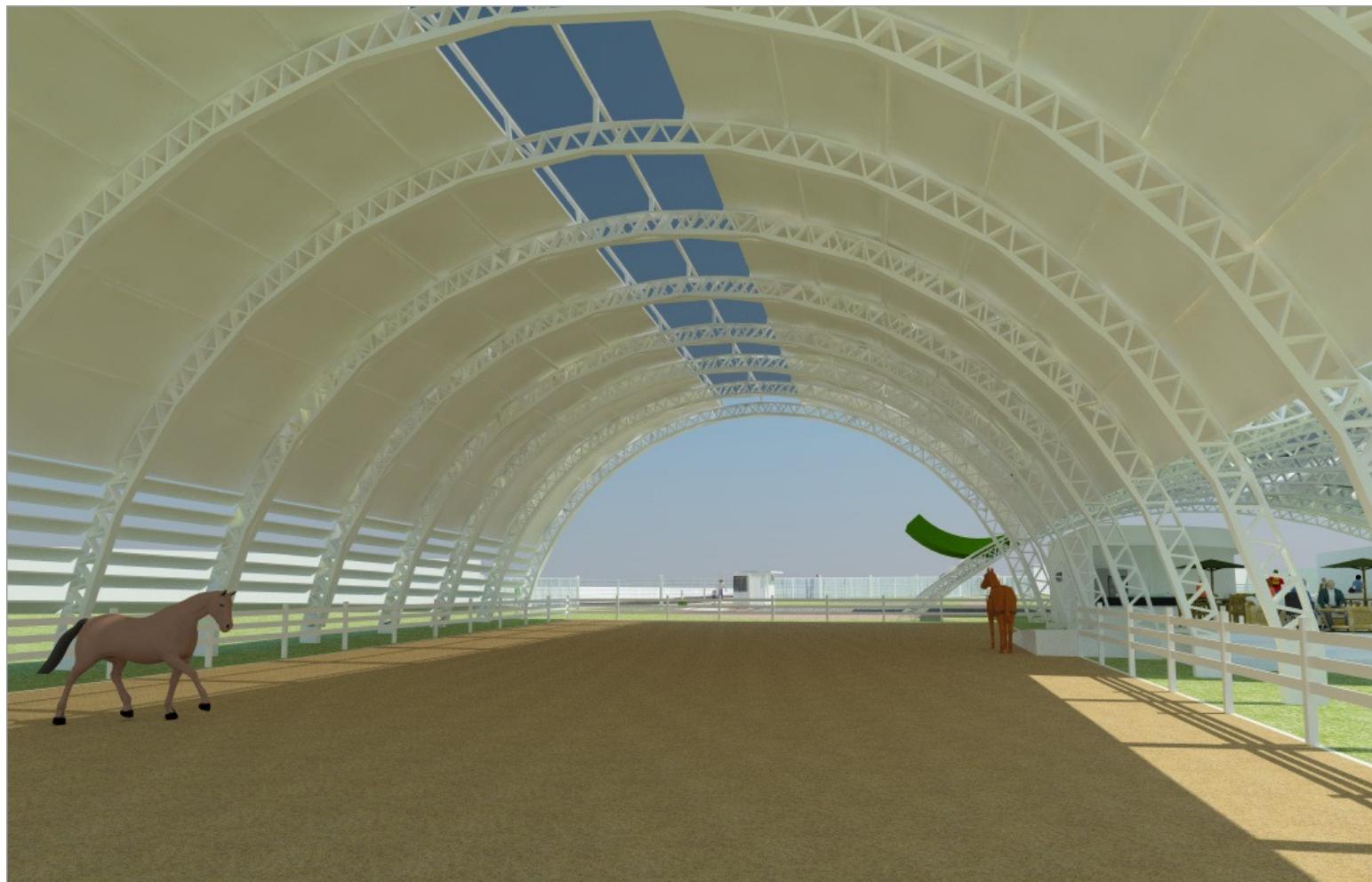


Fig. 45 – Picadeiro com brises pivotantes em uma das laterais, iluminação zenital, e abertura total na outra lateral para visão das atividades pelo setor de apoio ao usuário. Fonte: Maquete da autora.

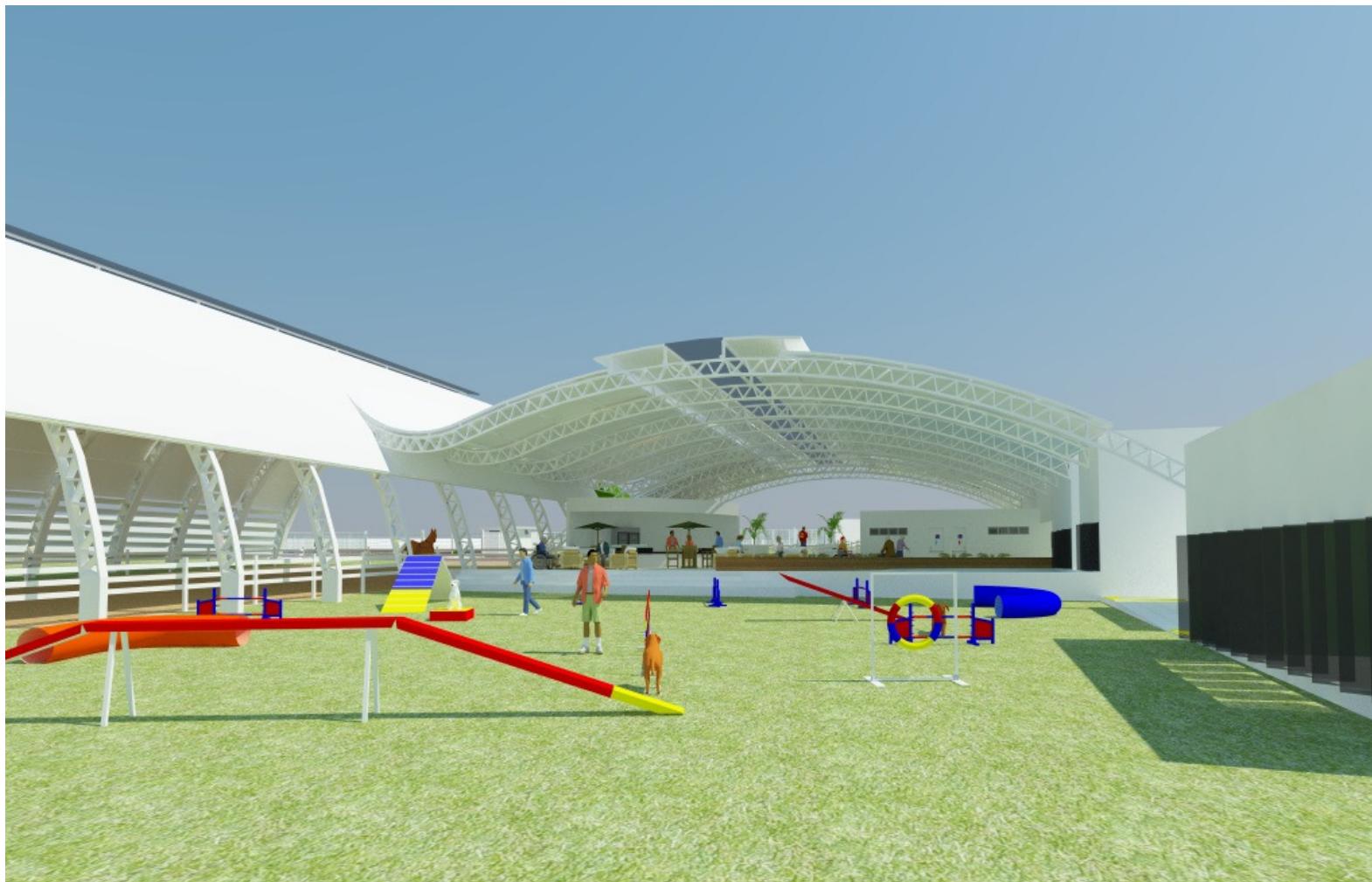


Fig. 46 – Campo de agility para atividades com cães entre picadeiro, setor de apoio ao usuário e bloco multidisciplinar. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 47 – Corredores de acesso às salas com pergolados basculantes e pátios internos. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 48 – Salas de atividades com integração com os jardins dos pátios internos através de esquadrias pivotantes e com tetos retráteis que permitem a visualização do céu. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 49 – Bloco com baias para os cavalos sob cobertura metálica, com iluminação zenital. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 50 – Canis e gatis integrados com bloco onde ficam as salas do veterinário, e de banho e tosa. Fonte: Maquete da autora.



Fig. 51 – Área de carga e descarga, com depósitos e armazenagem de lixo. Fonte: Maquete da autora.

CAPA ITEM 9

Considerações finais

A inquietude perante as várias demandas sociais e estruturais vigentes em nosso meio, e o anseio por se fazer valer a tão necessária arquitetura social fez surgir a idéia de um equipamento capaz de unir ambas as questões. Foi então nesse contexto que surgiu o Centro de Terapia Assistida por Animais.

Em uma cidade onde a política de apoio às pessoas com deficiência – seja ela física, mental, cognitiva, ou emocional - ainda dá seus primeiros passos em relação a gama de alternativas existentes, e onde a terapia assistida por animais ainda é um tema desconhecido pela grande maioria da população, o projeto do centro veio como um meio de suprir um pouco dessas carências, procurando trazer essas questões à tona através de sua evidenciação, como forma de mostrar sua relevância e seus benefícios dentro do contexto atual em que vive nossa sociedade.

Desde o início do projeto, suas premissas foram pautadas na maximização da inter-relação entre a arquitetura e o usuário que dela usufrui, de modo a potencializar o tratamento sob o qual o paciente está sendo submetido no próprio centro.

O projeto do Centro de Terapia Assistida por Animais é um conceito inovador dentro da cidade, na qual só existem casos de modalidades terapêuticas assistidas por animais isoladas, e foi, por isso, um grande desafio propor algo ainda inexistente ou desconhecido. Essa experiência foi bastante enriquecedora, o que ajudou a abrir novos horizontes e enxergar para além do que comumente vemos e temos contato.

CAPA ITEM 10

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. *Fundamentos doutrinários da equoterapia do Brasil.* Brasília, 1999.

BARROS, Claudia de Toledo. *Possibilidades de utilização da terapia assistida por animais (TAA) na terapia ocupacional.* Minas Gerais: Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, 2008. Trabalho de conclusão de curso. Fundação Educacional Lucas Machado – FELUMA Terapia Ocupacional.

CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. *Sentindo o espaço arquitetônico,* 2003.

CHIEPPA, Francesco. *Relazione Uomo Animale.* Uccelli, v.11, n.1, p.40-42, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. Dispõe sobre o reconhecimento da EQUOTERAPIA como recurso terapêutico da Fisioterapia e da Terapia Ocupacional e dá outras providências. Resolução nº. 348, de 27 de março de 2008.

DOTTI, Jerson. *Terapia & animais.* São Paulo, SP: PC Editorial, 2005.

EMERY, Osvaldo., **RHEINGANTZ,** Paulo Afonso, *Para evitar a construção de uma paisagem sonora autista, é preciso saber ouvir a arquitetura.* Rio de Janeiro, 1995.

FERRARI, Jéssica. *Relação homem x animal.* Itu, 04 out. 2010. Disponível em: <<http://www.itu.com.br/animais/noticia/dia-dos-animais-relacao-homem-x-animal-20100201>> Acesso em: 24 mar. 2011.

FORTALEZA, Instituto de Planejamento do Município. *Lei de uso e ocupação do solo,* Fortaleza, 1996.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal. *Plano diretor participativo do Município de Fortaleza.* Fortaleza, 2009.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal. *Código de obras e posturas do Município de Fortaleza*. Fortaleza, 1981.

FUCHS, Hannelore. *O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação*. São Paulo: USP, 1987. Tese de doutorado não publicada (Psicologia experimental). Faculdade de Psicologia.

GOUVEIA, Anna Paula Silva, **HARRIS**, Ana Lúcia Nogueira de Camargo, **KOWALTOWSKI**, Doris C. C. K. *Analogia e abstração no ensino do projeto em arquitetura*. São Paulo, 09 nov. 2001.

SILVEIRA, Nise da. *Imagen do inconsciente*. Brasília, DF: Sexta Edição. Alhambra Editora, 13ª Edição, 1981.

UYEHARA, Ana Maya Goto. *Relação homem x animal*. 07 de fev. 2007. Disponível em: <<http://www.abrigodosbichos.com.br/noticias.aspx?cod=73>> Acesso em 13 mar. 2011.

VENTUROLI, Thereza. *Dez mil anos de amizade*. Revista Veja. 24 de Novembro, 2004, p. 114-123.

VICARIA, Luciana. *A cura pelo bicho*. Revista Época. 04 de agosto de 2003, p.83-91.

Sites

<http://www.equoterapia.com.br/artigos.php>

http://www.equoterapia.org.br/como_montar.php

<http://www.peloproximo.com.br/terapias-com-animal>

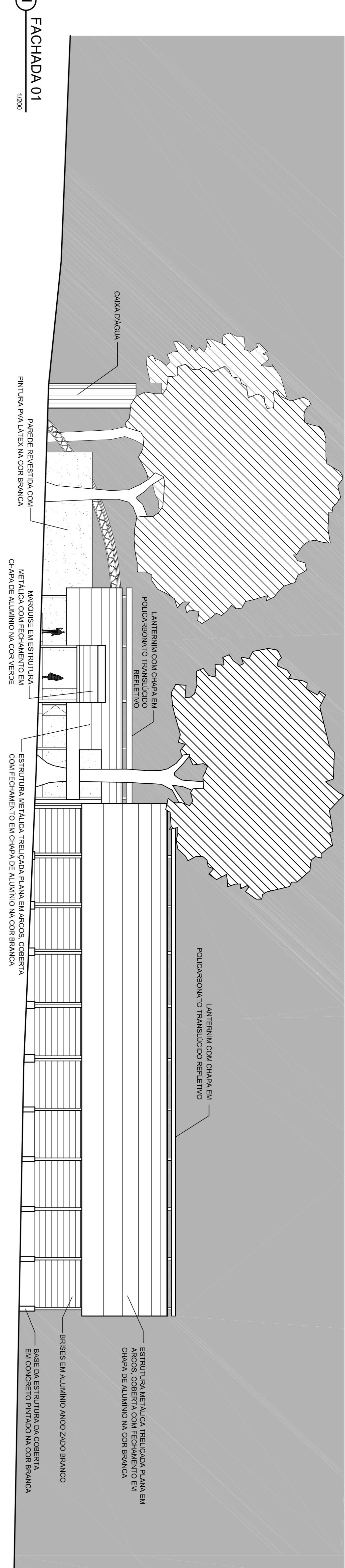
<http://patriciaoguma.blogspot.com/2010/09/os-beneficios-da-terapia-assistida-com.html>

http://www.saudeanimal.com.br/2mil_005.htm

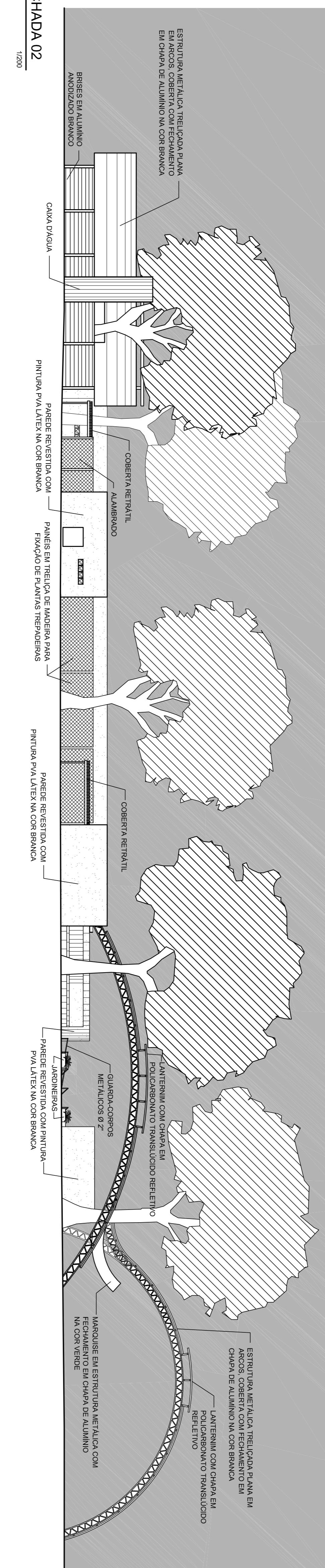
<http://caoterapia.zip.net/>

www.arcoweb.com.br

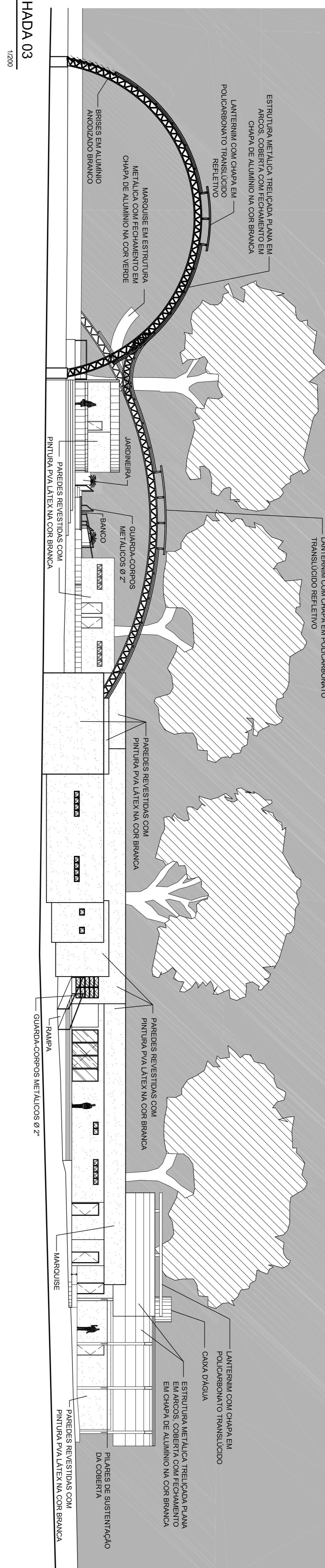
www.vitruvius.com.br



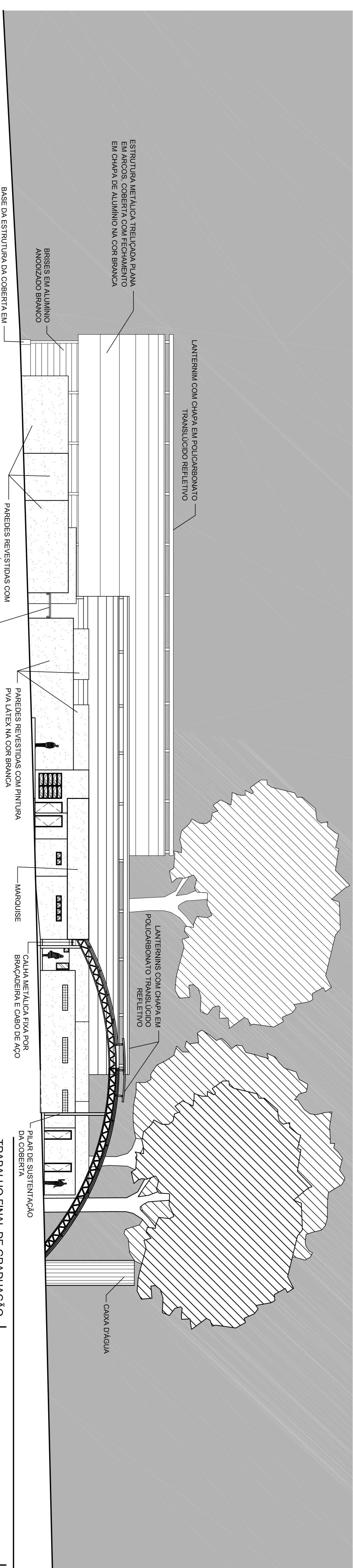
1/200 FACHADA U1



2 FACHADA 02
1/2000



—
3 FACHADA 03
1/200



卷之三

An architectural cross-section diagram of a building. On the left, a vertical column is labeled 'PILAR DE SUSTENTAÇÃO DA COBERTA'. To the right, a staircase with a diagonal railing is shown, leading up through several levels of the building's structure.

| LA

RA OLIV

/EIRA M

OREIRA

CONTE
FACHA

ÚDO DA PRA
DA 01

NCHA:

1/200

105

1

CHAPIM DE PRÉ-MOLDADO
EM CONCRETO

RUFO EM ALUMINIO ANODIZADO BRANCO
FAZENDO O CONTOURNO DA COBERTA

PAINEL CORREDICO EM CAIXA ESTRUTURADA EM ALUMINIO
ANODIZADO, COM TRATAMENTO TERMOACUSTICO EM LADEIRA
ALUMINIO NA COR BRANCA, f=10%

PAINEL FIXO EM CAIXA ESTRUTURADA EM
ALUMINIO ANODIZADO, COM TRATAMENTO
TERMOACUSTICO EM LADEIRA DE VIDRO, E
REVESTIMENTO EXTERNO EM CHAPAS DE
ALUMINIO NA COR BRANCA

TRILHO EM ALUMINIO ANODIZADO BRANCO
PARA SUPORTE DO PAINEL CORREDICO
COM ABERTURAS INTERVALADAS PARA
PASSAGEM DAS AGUAS PLUVIAIS

CHAPIM DE PRÉ-MOLDADO
EM CONCRETO

RODÍZIOS DESLIZANTES

TRILHOS EM ALUMINIO ANODIZADO
BRANCO UNIFORME PARA PAINÉIS
CORREDICOS, ENGASTADOS NA PAREDE

ALVENARIA REBOCADA COM REVESTIMENTO
EM PINTURA ACRILICA NA COR BRANCA

PAINEL FIXO EM CAIXA ESTRUTURADA EM
ALUMINIO ANODIZADO, COM TRATAMENTO
TERMOACUSTICO EM LADEIRA DE VIDRO, E
REVESTIMENTO EXTERNO EM CHAPAS DE
ALUMINIO NA COR BRANCA

CALHA METALICA SUPORTE PARA
TRILHO CORREDICO DO PAINEL,
ENGASTADA NA PAREDE

RODÍZIOS DESLIZANTES

.27 .18 .18 .10

① DETALHE 01

SITUAÇÃO COM COBERTA FECHADA

CHAPAS EM ALUMINIO ANODIZADO
NA COR MARROM

GUIAS SUPORTES PARA CHAPAS DA COBERTA
RETRÁTIL COM SISTEMA INTERNO DESLIZANTE
EM NYLON GRAFTITADO

RUFO EM ALUMINIO ANODIZADO BRANCO

CHAPAS EM ALUMINIO ANODIZADO
NA COR MARROM, f=10%

PROJEÇÃO DA COBERTA
NA POSIÇÃO VERTICAL

TERÇA EM ESTRUTURA
DE ALUMINIO ANODIZADO
NA COR MARROM

TERÇA EM ESTRUTURA DE ALUMINIO
ANODIZADO NA COR MARROM

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

MAO-FRANCESCA COM ESTRUTURA
EM ALUMINIO ANODIZADO NA COR
MARROM, ENGASTADA NA PAREDE

.70

.15

.10

.20

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10

.10